



Histórias da velha Totônia

José Lins do Rego

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Histórias da velha Totônia

José Lins do Rego

JOSÉ LINS
DO REGO
HISTÓRIAS
DA VELHA
TOTÔNIA



JOSÉ OLYMPIO
EDITORA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. [Você pode encontrar mais obras em nosso site: \[lelivros.com\]\(http://lelivros.com\) ou em](#)

qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir

a um novo nível."

logo

JOSÉ OLYMPPIO
E D I T O R A

José Lins do Rego

HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA

Ilustrações

Santa Rosa

21ª edição

Rio de Janeiro, 2010

© *Herdeiros de José Lins do Rego*

Reservam-se os direitos desta edição à

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil

Tel.: (21) 2585-2060

Produced in Brazil / Produzido no Brasil

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br

Tel.: (21) 2585-2002

ISBN 978-85-03-01205-8

Capa: VICTOR BURTON E ANGELO ALLEVATO BOTTINO

Desenho de José Lins do Rego: SUELY AVELLAR

Diagramação da versão impressa: EDITORIANTE

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Rego, José Lins do, 1901-1957

R267h

21.ed.

Histórias da Velha Totônia / José Lins do Rego. – apresentação Laura Sandroni. – ilustrações de Tomás Santa Rosa – 21.ed. – Rio de Janeiro : José Olympio, 2013.

Contém dados biobibliográficos

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-03-01205-8 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Santa Rosa, 1909-1956. II. Título.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

A MINHAS FILHAS

MARIA CHRISTINA

MARIA DA GLÓRIA E

MARIA ELIZABETH

SUMÁRIO

Apresentação (Laura Sandroni)

Aos meninos do Brasil (José Lins do Rego)

HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA

O macaco mágico

A cobra que era uma princesa

O príncipe pequeno

O Sargento Verde

Dados biobibliográficos do autor

Biografia

Cronologia biográfica

Características do autor

Panorama da época

AS HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA

LAURA SANDRONI*

JOSÉ LINS DO REGO dedica as *Histórias da Velha Totônia* aos meninos do Brasil, dizendo: “Quisera que todos eles me ouvissem com a ansiedade e o prazer com que eu escutava a velha Totônia do meu engenho.” São as histórias “de Trancoso” contadas por essa personagem “bem velha e bem magra” que o autor recria com a graça de um estilo próprio.

A temática é tradicional dos contos de fadas: a luta entre o bem e o mal representada por personagens de caráter monolítico. Nesse tipo de narrativa não há dúvida, o bem vencerá. Com a ajuda de elementos mágicos, os pobres e bons ficarão ricos e serão felizes. Os maus perecerão.

Em *Histórias da Velha Totônia* é feita a transposição para o Brasil dos contos da tradição oral europeia. É interessante reconhecer em cada uma delas os que lhe deram origem: “O macaco mágico”, por exemplo, tem traços do *Gato de botas*, que tudo consegue para seu amo com golpes de astúcia, e do *Flautista de Hamelin*, que leva atrás de si animais seduzidos pelos sons encantatórios de seu instrumento. “A cobra que era uma princesa” começa como tantos contos: “Havia nos tempos antigos um reino que não era feliz porque a sua rainha nunca tivera um filho.”

E trata do amor de um rei por sua filha, em *Pele de asno*. Termina, no entanto, de forma não convencional, pois a princesa salva pela cobra (ela mesma uma princesa encantada) é ingrata o bastante para esquecer de chamá-la no dia de seu casamento, conforme prometera, e “a pobre princesa não se desencantou. Ficou cobrinha para toda a vida, com aqueles olhinhos de gente”.

“O príncipe pequeno” segue uma caça pela floresta e entra no reino dos gigantes, tornando-se prisioneiro do rei. Para sobreviver, tem de realizar missões impossíveis, não fosse a ajuda da princesa.

Em “O sargento verde” surgem outros elementos da tradição oral europeia, como a velhinha muito pobre a quem a princesa ajuda, ou o cavaleiro distinto que é a encarnação do demônio, ou ainda a princesa que se disfarça de rapaz para servir ao rei.

Todas essas histórias que fazem parte da memória das gerações passadas interessarão às presentes e futuras, porque falam,

simbolicamente, de problemas comuns ao homem em todas as épocas. O mundo da fantasia é rico e profundo, não conhecendo limitações de tempo e espaço.

O que as *Histórias da Velha Totônia* têm de especial é a ambientação brasileira e a saborosa linguagem coloquial eivada de regionalismos. A edição, muito cuidada, é valorizada com os desenhos originais de Santa Rosa, um dos nossos grandes ilustradores: pequenos desenhos a traço e quatro pranchas coloridas.

Renovar a obra é possibilitar o convívio da criança brasileira com um dos mais importantes escritores do país.

Nota

* [Laura Sandroni faz parte do Conselho Curador da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil](#)

[\(FNLIJ\) e é Membro Honorário do IBBY \(International Board on Books for Young People\). Também](#)

[é autora de diversos livros, além de ensaios publicados em revistas especializadas, no Brasil e no](#)

[exterior.](#)

AOS MENINOS DO BRASIL

JOSÉ LINS DO REGO

AINDA ME LEMBRO HOJE da velha Totônia, bem velha e bem magra, andando, de engenho a engenho, contando as suas histórias de Trancoso. Não havia menino que não lhe quisesse um bem muito grande, que não esperasse, com o coração batendo de alegria, a visita da boa velhinha, de voz tão mansa e de vontade tão fraca aos pedidos dos seus ouvintes.

Todas as velhas Totônias do Brasil se acabaram, se foram. E outras não vieram para o seu lugar. Este livro escrevi pensando nelas... Pensando na sua velha Totônia de Sergipe, Sílvio Romero recolheu estas mesmas histórias que eu procuro contar aos meninos do Brasil.

Quisera que todos eles me ouvissem com a ansiedade e o prazer com que eu escutava a velha Totônia do meu engenho.

Se eu tiver conseguido este milagre, não precisarei de maior alegria

para a minha vida.

HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA

O macaco mágico



HAVIA UM HOMEM QUE era muito pobre, mas que era muito bom. Trabalhava, como o pai de Nosso Senhor, em madeira. E morava num quarto que só dava mesmo para o banco onde ele trabalhava. Todo o mundo conhecia o marceneiro Botelho. Nunca um pobre bateu em sua porta que não recebesse uma esmola. Seu Botelho era um santo.

Uma noite, chovia muito. O vento soprava com uma força danada nos pés de mangueira, querendo quebrar tudo. Fazia muito frio, a chuva roncava, de tão forte. Então seu Botelho ouviu que estavam batendo na porta.

— Ô de casa — gritaram do lado de fora.

— Ô de fora! — respondeu o marceneiro.

E foi abrir a porta.

— Pode entrar, meu amigo — disse o dono da casa.

Era o macaco Felisberto, muito conhecido nas redondezas pelas suas estripulias.

— Boa-noite, seu Botelho — disse o macaco. — Venho de longe, de muito longe, debaixo dessa chuva que não para mais. Que tempo medonho, seu Botelho! Bati na casa de muita gente e ninguém me quis dar uma pousada. Me lembrei do senhor.

— Pois não, macaco Felisberto — respondeu o marceneiro. — A casa é sua. Só tenho mesmo este quarto, mas você pode se aboletar por aqui, até que o tempo levante.



E conversaram até alta noite. O macaco contou a sua vida. Andava muito perseguido pelo rei dos animais, o leão, que queria que ele fosse todos os dias beijar os pés dele e fazer graças.

— Ah, seu Botelho, que vida triste é a minha O leão só acha graça no que eu faço. Pedi até ao elefante para dançar na frente do rei, mas o rei nem abriu os dentes. Elefante não dá para a coisa não. Experimentei todos os bichos meus conhecidos. Mas qual! O leão só quer o macaco Felisberto. E

quando está com raiva, dando urros, querendo brigar com todo o mundo, só melhora da ira quando eu chego. E não pense o senhor que ele me dê alguma coisa. Tudo é de graça. Nunca me deu uma pataca. E eu que tenho que andar por aí afora fazendo o diabo para sustentar a minha família! Outro dia, eu estava tirando o meu nas bananeiras do padre. Estava comendo as minhas bananas e quando eu vi, foi o padre Luís com a espingarda atrás de mim.

Saltei para um pé de cajá, pulei de galho em galho, e o padre perdeu o tiro dele. O leão podia é me arranjar um emprego. Mas qual! Só quer de mim é a graça. Isto é demais.

O marceneiro contou também a sua vida:

— Passo o dia no trabalho, amigo macaco, lavrando madeira para o rei.

Toda obra difícil o rei manda para mim. E o que ele me dá nem chega para eu comer bem. Isto não é nada, seu Felisberto. O dia inteiro no pesado e quando chega a noite só tenho mesmo coragem de dormir. Por aí anda gente que não faz nada e vive na fartura. Eu não me lastimo, não. Tudo é como



Deus quer. Respeito as vontades de Deus. A vida é isto mesmo, seu Felisberto. Pode o senhor ficar aqui até o tempo que quiser. É uma companhia para mim.

Depois foram dormir.

O macaco, muito feliz porque há muito tempo que não encontrava um lugar tão bom para dormir. De manhã, ele ouvia da cama os passarinhos cantando. E espichou o corpo de preguiça. E ali de cima da cama, ele se lembrou que era um mágico.

O macaco Felisberto era um mágico. E tinha uma gaita que era o mesmo que uma vara de condão. E assim ele foi pensando. Aquele marceneiro merecia que ele fizesse tudo por ele. Aquele que era um homem!

Homem que não se comparava nem com o rei dos animais e nem com o rei dos homens. Ele iria dar ao seu amigo tudo o que pudesse fazer com a sua força.

E assim pensando saiu para a mata, deixando o seu Botelho no trabalho.

E quando o Felisberto chegou no meio da mata, tirou a sua flauta do bolso e começou a tocar. E começaram a chegar veadinhos novos para ouvir o toque do macaco. E quando já tinha cem, Felisberto reuniu todos e saiu tocando a sua flauta. Os bichos iam atrás de Felisberto embebedos, de ouvidos abertos para o canto. Felisberto foi andando para o palácio do rei dos homens.



E quando o rei viu aquilo, ficou besta de ver cem veadinhos do mesmo tamanho, da mesma cor, tão mansos como carneiros ensinados.

— Saiba Vossa Majestade — disse o macaco — que é este o presente que lhe manda o meu senhor, o conhecido doutor Botelho.

O rei não teve palavras para agradecer. Mandou chamar o seu tesoureiro e disse para o velho, que tinha muitas chaves na mão:

— Enche os alforjes do macaco Felisberto e dá para ele dez barras de ouro, para que ele ofereça ao seu senhor.

O macaco deu saltinhos de alegria.

E quando chegou em casa com as barras de ouro, o marceneiro ficou sem saber o que falar, de tão espantado. Foi o rei que tinha mandado para ele, lhe disse o macaco Felisberto. O rei estava tão contente com os trabalhos dele que mandava aquele ouro.

Botelho deu graças a Deus pela lembrança do rei e foi logo querendo dar ao companheiro uma barra.

— Para que macaco com ouro? — lhe disse Felisberto. — Tendo banana para comer é o que eu quero.

No outro dia Felisberto saiu à mesma hora para a mata. E chegando lá, tirou a sua flauta do bolso e começou a tocar. E veio logo chegando tudo que era pássaro para ouvir o macaco. Nunca ali naquelas matas pássaro nenhum tinha cantado. Nem o sabiá-gongá, de tardinha, cantava assim; nem o canário que fugiu da gaiola do rei cantava daquele jeito; nem os conchizes, os que tocavam o que queriam, cantavam como a gaita do macaco Felisberto. As



patativas olhavam umas para as outras, com vergonha de abrir o bico por aquelas matas. E Felisberto foi olhando para todos os pássaros. O rei tinha de todos, o rei tinha pássaros lindos nas suas gaiolas. Foi quando apareceu uma garça que era uma beleza, de penas mais alvas que um capulho de algodão. Era aquilo que o rei não tinha. E ele daria tudo para possuir uma beleza daquelas. E Felisberto puxou pela flauta. E começaram a chegar garças do mesmo tamanho, de pernas cinzentas, de penas branquinhas. E

quando já tinha mil, ele formou todas, duas a duas, e se foi de mata afora, puxando o cortejo com a sua flauta. Parecia um acompanhamento de casamento real. E as mil garças chegaram na porta do rei depois do almoço.

Sua Majestade estava de rede, bem deitado, tomando a fresca, no alpendre do palácio. Cem escravas abanavam o rei, cem anões davam saltinhos na sua frente. Uma princesa cantava para ele dormir. Quando Felisberto foi se aproximando, parou tudo. O toque da flauta parecia uma música de anjo. O

rei disse logo:

— Aquilo é o macaco Felisberto que vem chegando com outro presente do doutor Botelho.

E era mesmo. O rei não pensava que fosse aquilo, de tão bonito que era.

Mil garças, duas a duas, guiadas pelo macaco, vinham chegando. A cabeça estava no terreiro do palácio e o resto vinha quase que a uma légua de distância. O rei ficou babado de gozo. O que era aquilo que ele nunca tinha visto! As garças andavam em cima de um pé só, e todas tinham o pescoço comprido, pendendo para um lado só. Aí Felisberto parou de tocar. E falou para o rei:

— Saiba Vossa Real Majestade que o meu senhor, o doutor Botelho, mandou para prazer de Vossa Real Majestade estas mil garças do seu quintal.

— Que homem rico é este doutor Botelho — disse o rei —, para criar no seu quintal tantas garças?



— Estas são somente as crias de um mês, saiba Vossa Real Majestade — respondeu o macaco.

Então o rei mandou chamar o seu tesoureiro e disse:

— Abra os meus tesouros e tire vinte barras de ouro para dar ao macaco Felisberto.

O macaco deu três saltos de contente, encheu os seus alforjes e voltou para a casa do seu amigo.

E lá chegando, foi logo dizendo a ele:

— Amigo Botelho, el-rei nosso senhor mandou este presentinho pelos

teus serviços. Ele gostou tanto da cadeira de palhinha que fizeste para ele, que quis te pagar como um verdadeiro rei deve pagar aos seus oficiais.

O marceneiro nem sabia onde botar tanto dinheiro.

— Amigo macaco, já começo a me incomodar com tanto ouro —

respondeu o marceneiro. — Amanhã vou dar muita esmola na feira.

E foi o que ele fez no outro dia. Todo o mundo na cidade ficou dizendo que o marceneiro Botelho tinha achado uma botija. E os pobres fizeram uma festa com as esmolas. Muitos saíram gritando pela rua, de contentes, dizendo pelas casas que o seu Botelho era melhor do que o rei, que o seu Botelho era um santo, um amigo de Deus.

Na outra semana Felisberto saiu para dar o seu passeio na mata. E

chegando lá, tirou a sua flauta do bolso e começou a tocar. Veio tudo que era bicho para ouvir. Os tatus botavam a cabeça para fora dos buracos. As preguiças espichavam os braços. O que elas faziam numa semana, a gaita do Felisberto fazia com que elas fizessem num minuto. As cobras ficavam de papo para o ar, se enroscando de alegria. O veneno caía da boca das cobras com o canto de Felisberto. Os espinhos dos caititus ficavam macios como pena de pássaro, com o canto de Felisberto. Então, o macaco viu um coelhinho. Era mesmo coelhinho que ele queria levar para o rei. E tocou uma música que era para coelhinho ouvir. E vieram chegando coelhinhos de todos os cantos da mata. E quando não havia mais lugar para nenhum, Felisberto escolheu dez mil, todos iguais, todos do mesmo tamanho. Os coelhinhos começaram a ouvir meio tontos a música do macaco Felisberto. Por fim, Felisberto falou:

— Amigos coelhos, vamos todos para uma festa no palácio do rei.

— Qual! — respondeu o coelhinho mais sabido de todos. — Nós não vamos não. O rei quer é comer a gente!

E começou a correr coelho de mata adentro.

Aí o macaco Felisberto não teve dúvida, puxou outra vez da flauta e tocou. E tocou uma música tão bonita que os coelhinhos começaram a voltar outra vez, cada um para o seu lugar. O macaco ajeitou um por um. E dois a dois saíram de estrada afora com Felisberto na frente, tocando. O rei tinha acabado de almoçar com toda a casa real. E estava muito feliz, palitando os dentes com um palito de ouro, quando

ouviu a flauta que vinha de longe. E

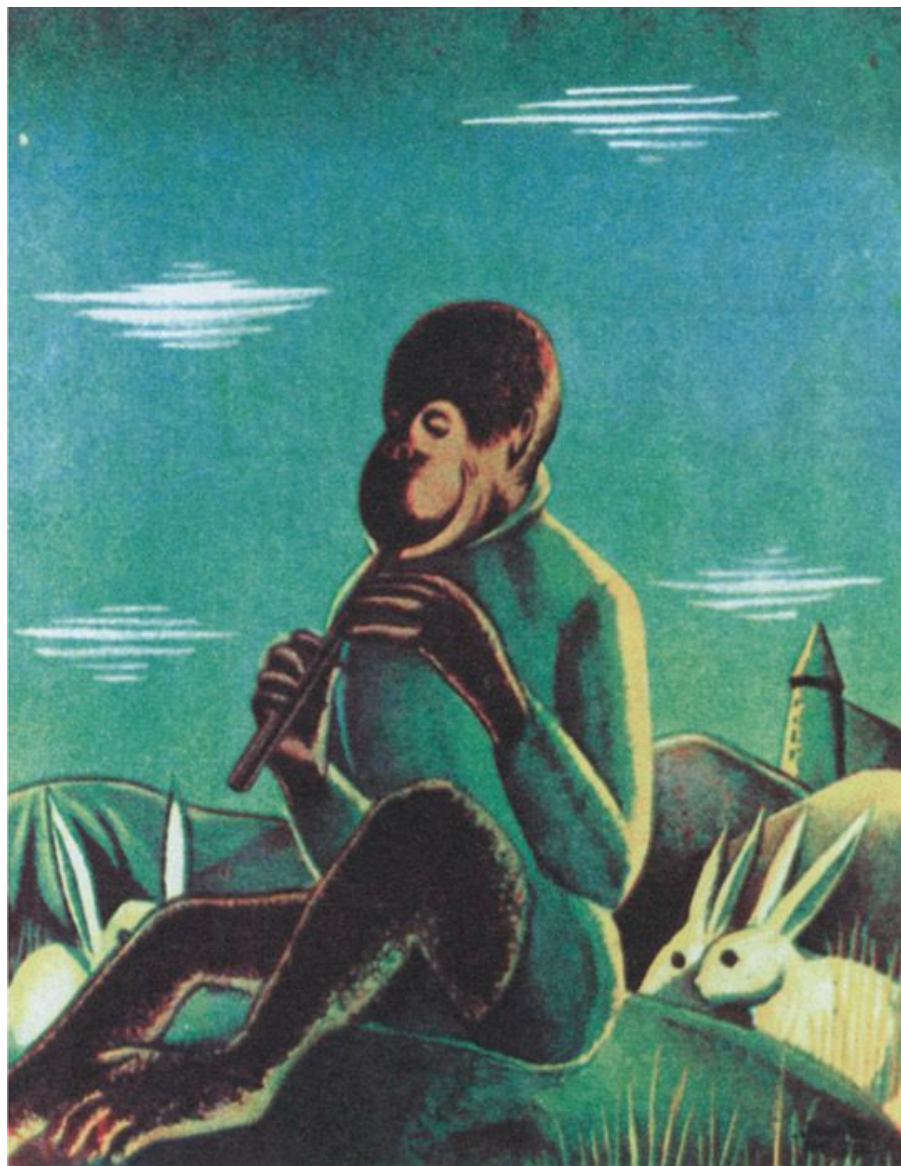
disse logo para a rainha:

— Aquilo é obra de Felisberto! Felisberto vem por aí com alguma coisa.

E era mesmo. Vinha chegando coelhinho que não acabava mais.

Felisberto já estava no alpendre e ainda vinha coelhinho com mais de uma légua de distância:

— Rei meu senhor — disse Felisberto —, trago para Vossa Real Majestade este presentinho que lhe manda o meu senhor.



E vieram chegando coelhinhos de todos os cantos da mata.

O rei ficou num pé e noutro com o presente.

— Este teu senhor é o mais rico dos meus vassalos — disse o rei.

E chamou o tesoureiro e deu ordem para que enchesse todos os alforjes que Felisberto tinha trazido. O macaco quase que não podia andar com a carga de ouro.



O marceneiro, quando viu o amigo chegando, ficou ainda mais espantado. Mas Felisberto foi lhe dizendo que tudo aquilo era presente do rei, que cada dia que se passava o rei mais ficava contente com o marceneiro Botelho.

Naquele dia, era dia de feira na cidade. E o bom Botelho foi para lá com o seu saco de ouro para dar ao povo. Nunca se viu um rebuliço daqueles na feira. Os pobres davam graças a Deus pelas bondades do bom Botelho.

Os aleijados e os cegos não pediriam mais esmola. O bom Botelho tinha dado uma fortuna a todos eles.

Mas Felisberto não estava satisfeito. Ele tinha que fazer ainda muito mais coisas pelo amigo. Era nisto que ele pensava quando se espichava na cama de manhã. O rei tinha uma filha que valia mais que todos os seus tesouros. Era bela a princesa, com aqueles cabelos louros que batiam na cintura. Ela cantava para o pai dormir, com uma voz de sereia. Felisberto queria casar a filha do rei com o marceneiro.

E com essa ideia na cabeça, ele chegou no palácio real. O rei ficou louco de alegria vendo Felisberto chegar.

— Rei meu senhor — disse Felisberto —, eu queria dar um passeio a cavalo com Vossa Majestade.

— Pois não, Felisberto.

E o rei mandou selar os dois cavalos mais belos da sua estrebaria e saíram os dois para um passeio.

— Vamos dar uma voltinha, Felisberto, aí pelos arredores.

Era isso mesmo que o macaco queria. E saíram os dois muito satisfeitos. Os bichos do palácio, quando viram Felisberto montado, acharam um absurdo. Como era que o rei dos homens dava confiança a um macaco daqueles? Uma onça que estava num chiqueiro fedorento nem quis olhar para aquilo. O cavalo em que montava

Felisberto começou a fazer luxo, dando umas popas. Felisberto tinha esporas nos pés e o cavalo terminou



andando macio, dando a sua melhor passada para o seu cavaleiro. E andaram terras e terras. O rei e Felisberto conversando.

— De quem é aquele engenho ali? — perguntava o rei.

— Aquele de bueiro grande, rei meu senhor? Ah, é o engenho do doutor Botelho!

E foram andando. Mais adiante o rei viu um roçado com mais de mil negros trabalhando. Era negro que não acabava mais.

— De quem é este roçado tão grande, Felisberto?

— Saiba Vossa Real Majestade que é do meu senhor, o doutor Botelho.

Hoje até nem tem negro, não. Só queria que Vossa Majestade visse isto aqui em dia de trabalho.

E foram andando. O rei, muito invejoso da riqueza do dr. Botelho. Mais adiante, viram uma fazenda de gado. Ninguém nem via o verde dos altos e das várzeas, era só gado pastando, uma beleza. O rei ficou besta, olhando:

— De quem é esta fazenda, Felisberto?

— Ah, esta fazendinha, rei meu senhor? Esta é a menor de todas do

meu senhor, o doutor Botelho.

E o rei ainda mais invejoso ficou, dizendo para Felisberto:

— Esse teu senhor tem mais riquezas do que o meu reino!

Aí Felisberto falou, com muito jeito:

— Ah, rei meu senhor, tudo isso poderia ser de Vossa Majestade, porque poderia ser da muito bela princesa filha de Vossa Majestade.

O rei olhou para Felisberto e disse:

— Vai ao teu senhor e diz que eu quero que ele se case com a minha filha.

E voltaram os dois para casa. Felisberto, dando saltos pela estrada, e o rei com a ambição de trazer mais terras e mais ouro para o seu reino.

Quando chegou na casa do marceneiro, o macaco vinha cantando de satisfeito:

— Amigo Botelho — disse ele —, o rei teu senhor mandou-te oferecer a sua filha em casamento.

O marceneiro caiu das nuvens de espanto.

— O que fiz eu ao meu amigo Felisberto para merecer essa zombaria?

— Zombaria o quê, amigo Botelho! O rei quer te casar com a sua filha.

— Quem sou eu, pobre marceneiro, para casar com a filha do rei?

— Muito boa esta — respondeu o macaco —, quem é melhor no mundo do que o amigo Botelho? Quem tem mais coração do que o amigo Botelho?

Pergunta aos cegos e aos aleijados da feira. Pergunta aos pobres, amigo Botelho, e deixa de bobagem. Amanhã bem cedo, veste a tua roupa melhor, sela o teu cavalo e te prepara para ires casar com a filha do rei.

O marceneiro nem dormiu naquela noite. Pensou na força. Quando ele chegasse na porta do rei com Felisberto, para casar com a filha do soberano, iria pagar na força o seu atrevimento. Levantou-se de madrugada. E ouviu os passarinhos cantando no pé de cajá que ficava atrás de casa. Era a última vez que ele ouvia os seus passarinhos

queridos. O amigo Felisberto ia com ele para a forca. Melhor era ser marceneiro, dormir em casa com os seus cavacos de pau, lavrar as suas tábuas, do que ser marido de princesa. Nunca mais ele ouviria os passarinhos do pé de cajá.



Estava ele com esses pensamentos, quando chegou o macaco, lhe falando:

— Em que estás pensando, amigo Felisberto? Que cara triste é essa?

Não é cara de quem vai casar com a princesa mais bela da Terra. Vai te vestir e sela o teu cavalo.

Da manhãzinha, saíram os dois para o castelo real. O pobre Botelho, tremendo de medo, só fazia dizer para o macaco:

— Me segura, amigo macaco, me segura senão eu caio!

— Não tremas, homem de Deus, que medo é esse! — dizia Felisberto.

— Segura-te e deixa de tremor, amigo Botelho.

E quando foram chegando na porta do rei, o marceneiro viu que todos os pajens baixavam a cabeça até o chão quando ele passava. As

cornetas do rei tocavam, as músicas do rei estrondavam os seus instrumentos. Parecia

que o mundo vinha abaixo. Aquilo tudo seria para ele?, indagava o marceneiro.

Aí foi que ele viu que não era o mesmo. Os dedos das suas mãos estavam cheios dos anéis mais bonitos da Terra, o veludo da sua roupa era o mais fino, os seus sapatos brilhavam como espelho no sol. Nunca ali tinha entrado um homem mais belo nem mais bem-vestido.

O rei foi logo se chegando, com muitos agrados. Dava-lhe a sua filha para casar. A princesa sorria com o tempo, de satisfeita. A rainha, para dentro e para fora, preparando a festa do casamento. Tinham matado dois mil carneiros e cem bois. E a quantidade dos perus? Isso ninguém nem sabia! Os escravos do rei dançavam no terreiro, sem as algemas. Os coelhinhos saltavam de um lado para outro, as garças não se mexiam, olhando para tudo aquilo. Mas o marceneiro Botelho tremia de medo. E

quando tivesse de levar a noiva para casa, como seria? Botaria a noiva naquele quarto de cavacos? E aproveitando um momento, falou para Felisberto:

— Amigo Felisberto, como vai ser isso?

— Não tem nada não — respondeu o macaco. — Lá fora, uma carruagem te espera.

E de fato. Depois das festas do casamento, o marceneiro Botelho saiu de carruagem pela estrada. O macaco Felisberto trepara-se bem junto do cocheiro. E, furando os caminhos, o dr.Botelho tremia junto da noiva. O que não seria dele quando a princesa visse o seu quarto cheio de cavacos?

E a carruagem foi andando pela estrada que ia para a casa mais pobre que a dos escravos do rei. Era de tardinha. O sol ia se pondo. O marceneiro Botelho fechou os olhos para não sentir a sua desgraça. E quando abriu, viu de longe uma iluminação como de igreja em dia de festa de santo. Era luz por toda parte, uma luz que subia para o céu. E a carruagem ia seguindo para lá, até que o cocheiro parou e os pajens desceram.

— É aqui o teu castelo — disse Felisberto. — Pelo bem que fizeste aos pobres, aos cegos e aos aleijados, Deus do céu me mandou para te ajudar.

E dizendo isso, o macaco Felisberto deu três saltos, três assobios e sumiu-se num redemoinho de vento, para o fim do mundo.

A cobra que era uma princesa



HAVIA NOS TEMPOS ANTIGOS um reino que não era feliz porque a sua rainha nunca tivera um filho.

O rei andava triste vendo a hora que ficava velho, morria e não podia deixar uma pessoa do seu sangue no trono.

O povo fazia promessa, a rainha rezava, e nada de aparecer o herdeiro tão desejado. Um dia, no toque das ave-marias, a rainha perdeu a paciência e disse uma coisa que não devia dizer:

— Permita Deus — disse ela —, que eu tenha um filho, nem que seja uma cobra.

Depois de tempos pareceu que a rainha ia ter mesmo um filho. O rei mandou festejar a nova com festas que não pararam. De noite e de dia o povo dançava e cantava na frente do palácio. Ninguém pagou mais imposto, o rei andava de dentes arreganhados de contente, satisfeito, tratando seus escravos com brandura. E foi assim até que um dia de tempestade, com trovões e raios cortando as nuvens, a rainha deu à luz uma menina, muito bonita, de olhos azuis, de cabelos louros, uma belezinha. Mas a menina tinha nascido com uma cobrinha enrolada no pescoço. Todo o mundo na casa do rei ficou desgostoso. A rainha, quando olhava para a filha, caía no pranto. E

ninguém queria chegar para perto do berço com medo da cobra. Vieram os médicos dos outros reinos, doutores, rezadores, adivinhos, e quanto mais faziam para tirar a cobra do pescoço da princesinha, mais a cobra se grudava à linda menina.



E foram os anos correndo. E foram correndo os anos. E a princesa criou um bem de irmã à cobrinha, que era verde e tinha uma cabeça com olhos de gente. Horas inteiras ficava a princesa brincando com a cobra na beira do mar. E quando a cobra via as ondas do mar, gostava de sair do pescoço da princesa e passear feliz pelas ondas. Ficava de tão longe da terra que a sua amiga nem via para onde ela ia. E por isso começava a chorar com medo que a cobrinha não voltasse mais. Chorava tanto, que a cobrinha voltava outra vez para o pescoço da menina, se enrolava, se unia com a sua amiga, e as duas voltavam juntas para o palácio do rei, onde ninguém sabia destas brincadeiras na praia. Mas lá um dia, a cobra entrou de mar adentro, foi mais longe do que das outras vezes. A princesa chorou, chorou muito, até que ela voltou para falar:

— Minha rica princesa, chegou o meu dia, vou para longe, para bem longe, para uma terra que fica mil léguas mais abaixo do que o fundo do mar. Vais ficar sozinha, mas não tem nada não, minha irmã, eu não te abandono, eu te acudo sempre que for preciso. O meu nome é Labismínia.

Grita por Labismínia, e podes ficar descansada, que eu venho te valer.

E dito isto, a cobrinha correu para dentro do mar. A princesa ficou parada na beira da praia chorando. Tantas lágrimas corriam dos seus olhos,



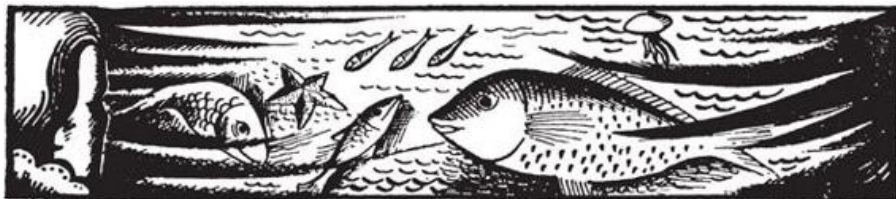
como um riacho de vertentes. Depois calou-se. Labismínia, a sua irmã, se fora. E ela estava só no mundo, sozinha.

Em casa, quando a princesa Maria chegou, sem a cobra no pescoço, foi um rebuliço. O rei dançou de contente, mandou logo preparar uma grande festa, chamou os reis dos outros reinos. O povo comeu bolo, mataram bois e carneiros para o povo. E os escravos trabalharam sem as algemas nos braços e nos pés. Mas a princesa Maria estava triste. Nem parecia que tudo aquilo era para ela.

Todas as manhãs, quando o sol nascia, ela ia para a beira do mar, para ver se Labismínia aparecia. E o sol chegava de longe, de muito longe, e não trazia notícias de Labismínia.

À tarde, a princesa voltava para a praia onde brincava tanto com a sua amiga. Queria ver se a lua dizia alguma coisa. A lua podia dizer se tinha visto Labismínia, se tinha passado pela terra de sua irmã. A lua boiava tanto em cima das águas do mar! Mas nada. Nem a lua e nem o sol davam notícias de Labismínia, que estava numa terra que era mais longe mil léguas que o fundo do mar. Aí a princesa chorava. Quisera Deus que ela fosse para a terra que ficava a mil léguas mais abaixo que o fundo do mar. Ah!, se ela pudesse descer como peixe, fugir do mundo e se encontrar outra vez com Labismínia! O seu pescoço já estava acostumado com a cobra.





E foi indo assim, até que um dia todo o reino entristeceu. O rei mandou botar as algemas outra vez nos escravos, o rei obrigou o povo do seu reino a rezar. Era que a rainha tinha começado a adoecer. Não houve médico que soubesse o que era. Vieram doutores de todos os cantos da Terra, feiticeiros de todos os cantos do mundo. E quando a rainha sentiu que ia morrer, chamou o rei e na frente da corte inteira falou para o marido:

— Quando tiveres que te casar outra vez — disse ela tirando um anel do dedo —, só poderá ser com a princesa no dedo de quem couber este anel que eu te dou.

O rei chorou muito, mas depois de tanto pranto, começou a pensar no seu casamento. E para isso mandou mensageiros para todos os lados da Terra. Primeiro, para princesas de Castela. E o anel não deu no dedo de nenhuma. Depois para as filhas dos pares de França. Nada. O rei mandou então falar com o soberano da Inglaterra. E não apareceu princesa nenhuma para o anel do rei. Na corte da Áustria foi a mesma coisa. E assim levou um tempão. O rei já estava mesmo convencido que não acharia mais moça para se casar, quando se lembrou da princesa sua filha, que era a maior beleza do mundo. Quem sabe, pensou ele, que aquela cobra no pescoço de Maria não seria um sinal de Deus para que ele se casasse com a sua própria filha? E

assim pensando, mandou chamar a princesa. E o anel deu no dedo de sua filha, como se tivesse sido feito para ela.

Quando a princesa soube das intenções de seu pai, correu para a beira da praia e começou a chorar alto, a chorar tanto, derramando lágrimas como



um olho-d'água de pé de serra:

— Labismínia, Labismínia — gritava ela —, vem me acudir.

E quando ela viu, foi um barulho que vinha do fundo do mar. Uma onda grande bateu nos seus pés, e a cobrinha verde, de olhos de gente, apareceu na sua frente, por um encanto, dizendo logo para ela:

— Por que chora a linda princesa, minha irmã?

Maria contou toda a sua história. Era a mais desgraçada moça das moças da Terra, pois teria que se casar com o próprio pai.

— Não tem nada não, minha irmã — lhe disse Labismínia. — Eu te salvarei de tudo. Pede ao rei que para tu te casares com ele é preciso que ele te dê um vestido da cor do campo com todas as suas florzinhas.

Depois o mar fez outro barulho medonho e uma onda levou Labismínia para as profundezas.

A princesa Maria voltou para casa consolada, e disse para o pai o seu desejo. O rei ficou espantado com o pedido da filha, mas não se desenganou.

Mensageiros, criados, escravos saíram pelo mundo atrás do vestido.

A princesa, no palácio, já estava descansada, quando apareceu o pai com o vestido pedido, que tinha a cor do campo com toda as suas florzinhas.

— Dou-te — disse o rei — o vestido dos teus desejos. Custou-me mais caro que o reino que eu ganhei na batalha com os mouros.

A princesa olhou para o vestido, que era de uma beleza como ela nunca tinha visto. Mas logo que pensou no casamento, começou a chorar outra vez.

E com aquela agonia no coração correu para a praia gritando pela cobra:

— Labismínia! Labismínia! Vem me salvar!

Aí o mar deu um gemido, e uma onda trouxe aos pés da princesa a cobrinha verde de olhos de gente.

— Labismínia — disse a princesa —, o rei meu pai mandou gente pelo oco do mundo procurando o vestido que tinha a cor do campo com todas as suas florzinhas. É uma beleza, Labismínia, mas eu não quero

me casar com meu pai.



— Não tem nada não — disse a cobrinha —, não tem nada não. Pede a ele outro vestido, um vestido da cor do mar com todos os peixinhos.

A princesa Maria se consolou outra vez. E uma onda grande, toda de espuma branca, levou Labismínia para o fundo do mar.

O rei, quando soube do novo pedido da princesa, botou as mãos na cabeça. Aonde encontrar um vestido daquele? Mas tinha que se casar com a sua filha. E mandou outra vez os seus mensageiros pelo mundo afora.

Lá um dia chegou o vestido da cor do mar com todos os seus peixes, e ele deu o vestido à filha. A princesa achou uma beleza, muito mais bonito que o outro. Vestiu-se com ele, mirou-se nos espelhos do palácio, mas quando se lembrou que tinha que se casar com o pai, deu para chorar. E foi para a praia atrás de Labismínia. E a cobrinha não tardou a chegar para consolar a irmã.

— Não tem nada não, minha irmã Maria. Não precisa chorar tanto, Labismínia tem que achar um jeito. Volta e pede a teu pai um vestido da cor do céu com todas as estrelas. Não precisa chorar, minha irmã querida.

E fez tantos agradados, que a princesa voltou para casa contente da vida.

Foi logo falar com o pai. Queria um vestido da cor do céu com todas as estrelas.

O rei deu o desespero. Aonde encontrar um vestido daqueles? Então chamou os seus vassalos, chamou o seu tesoureiro, abriu as suas arcas e disse:

— Danem-se pelo mundo. Tragam-me este vestido, nem que custe todo o ouro que eu ganhei na guerra com os turcos.

E saíram os mensageiros pelo mundo. A princesa de contente cantava.

Saía pelo jardim passeando, no meio das roseiras, que cheiravam tanto como se cada uma fosse um frasco de cheiro. E os passarinhos dos arvoredos cantavam. Muitos vinham brincar nos pés da princesa, que era a criatura mais alegre deste mundo. A princesa Maria brincava com os pássaros, feliz, contente, na confiança que tinha na sua irmã Labismínia.



E foram-se os tempos. Mas lá um dia chegou o rei na sua camarinha.

Atrás dele vinham cem negras que traziam nas mãos o vestido que ela tinha pedido ao pai. As estrelas do céu na seda azul brilhavam como se fossem de diamantes. A cauda do vestido ia tão longe que ela nem via o fim.

— Minha filha — lhe disse o rei —, eu te trago a maior riqueza de todos os reinos da Terra. Por este vestido eu dei todo o ouro e todas as pedrarias que eu trouxe das guerras com os turcos. Agora, minha filha, vamos marcar o dia do nosso casamento.

A princesa nem esperou que o pai saísse do quarto. Foi logo caindo no chão, chorando. Tinha sido enganada por Labismínia! E na beira da praia foi chamar pela companheira, dando gritos de dor. Corriam lágrimas dos seus olhos como água de uma biqueira de casa-grande.

— Labismínia, Labismínia, onde está a minha cobrinha do coração?

Ouviram-se um barulho que vinha do fundo do mar. E a cobra verde de olhos de gente chegou-se para a princesa que chorava. Maria lhe contou tudo.

Não fazia mal, disse a cobrinha.

— Volta para casa, arruma as tuas malas, com todos os vestidos que teu pai te deu, e volta para a beira do mar. Aqui onde estou, encontrarás um navio que te levará para um reino bonito, bem longe deste mundo onde tens sofrido tanto, minha irmãzinha do coração. Mas olha bem: quando estiveres

no dia mais feliz da tua vida, grita por mim três vezes, para que eu me desencante e volte a ser a princesa que sou.

Dito e feito. A princesa Maria fugiu com seus vestidos no navio que Labismínia mandara para ela.

O rei tinha saído para uma caçada. E a princesa encheu o navio com as suas malas.

E foi-se para o reino desconhecido.

Lá chegando, fez tudo como Labismínia lhe tinha dito. Saltou em terra, e quando reparou, não viu mais o navio, nem viu mais as malas com seus vestidos. Ela estava mudada numa criada, numa pobre moça, na mais pobre moça da Terra. E chegando no reino desconhecido, foi pedir emprego à rainha, que vendo ela tão pobre, mandou que fosse tomar conta do galinheiro.

Maria dormia no meio das galinhas, suja como ela nunca tinha visto uma negra de seu pai. De noite chorava, vendo que Labismínia tinha mentido para ela. Pobre dela, que era a moça mais pobre do mundo! Mesmo assim a princesa Maria ainda dava graças a Deus. Melhor dormir com as galinhas do que se casar com seu pai. Cadê o príncipe que Labismínia lhe tinha prometido?



— Toma a tua carruagem, Maria, e vai para a festa.



Passados tempos, começaram no reino a falar numa festa muito grande que iam dar na cidade perto do castelo.

E no dia da festa falada, à boquinha da noite, Maria começou a reparar nas carruagens que passavam, tilintando pela estrada. Então, depois de agasalhar as galinhas, ela ficou pensando na vida. Era a moça mais pobre deste mundo de Deus. Todos iam para a festa do castelo, os pobres e os ricos, e ela só, ficava ali, cheirando a sujice das galinhas do rei. Mas tudo isto era melhor do que se casar com seu pai.

Estava ela com este pensamento na cabeça, quando ouviu uma voz que vinha de longe:

— Toma a tua carruagem, Maria, e vai para a festa.

De repente, ela se viu com seu vestido da cor dos campos com toda as suas florzinhas. Uma carruagem de arreios de prata, com seis cavalos pretos, esperava por ela.

E foi assim que a princesa Maria foi para o baile mais falado da cidade.

Quando ela entrou no salão, admirou todo o mundo. Nunca tinham visto uma princesa mais rica e mais linda. O seu vestido enchia tudo de beleza. Era como se o campo mais belo da Terra tivesse entrado de sala adentro, com todos os seus perfumes, com todas as suas cores. O rei e a rainha quiseram logo conhecer aquela princesa de tanta distinção. E quem mais reparou em Maria foi o filho do rei, um príncipe muito lindo, de olhos pretos. Mas a princesa não ficou até o fim da festa. Quando os galos começaram a cantar, ela voltou na sua carruagem para o seu canto, no castelo.

No outro dia, era no que se falava, no palácio do rei. De que reino seria aquela princesa, de trajes tão belos, de cabelos tão louros, de olhos tão azuis?

O príncipe só falava nela com sua mãe. De outra coisa ali não queria saber, a não ser daquela moça do vestido que tinha a cor do campo com todas as suas florzinhas.

Na noite seguinte havia outra dança na cidade. Pelo caminho que ia para a cidade, Maria via passar gente de carruagem. Bem triste ela estava vendo tanta gente feliz, tanta moça amada, e ela ali no meio das galinhas, tão pobre e tão só.

Apesar disso, tudo lhe parecia melhor do que se casar com seu pai.

Com pouco ela ouviu uma voz muito conhecida:

— Maria, Maria, toma a tua carruagem e vai para a festa.

Esperando por ela já estava uma bela carruagem de arreios de ouro com dois cavalos pampas. E com o seu vestido da cor do mar com todos os peixinhos a princesa desconhecida entrou no salão, assombrando. O espanto do povo ainda foi maior do que na outra noite. Aonde fora aquela moça buscar vestido tão belo? O vestido da rainha perto do de Maria parecia uma roupa de pobre. E por onde Maria passava, passava uma onda de cheiro. Os seus cabelos de ouro, os seus olhos azuis, não eram de gente, de tão formosa.

O príncipe não tirava os olhos de cima dela. Corria um zum-zum pela sala.

Donde tinha vindo aquela moça?

E os cocheiros na porta do palácio olhavam para a carruagem de boca aberta. De arreios de ouro, toda de vidro, a carruagem de Maria deixava de longe o cabriolé do rei, que parecia um carro de pobre junto do dela. Os cavalos enormes, nunca tinham visto tão grandes por aquela redondeza. E o cocheiro vestido como um grande da corte. Aquilo é que era riqueza.

E quando os galos cantaram, a princesa se retirou para o seu quarto, onde ia dormir no meio da imundície das suas galinhas.

No outro dia, na corte, só se falava na bela princesa. O príncipe não ficava parado. Espias já estavam por todos os cantos da estrada para ver donde vinha e por onde passava a mais bela princesa que já

atravessara as estradas reais. No seu canto Maria nem dava sinal de orgulho. Misturada às suas galinhas, suja como a moça mais pobre do mundo e ainda dando graças a Deus. Melhor tudo aquilo do que se casar com seu pai.



E de tarde, quando ela ia tangendo as suas galinhas para o chiqueiro, viu o príncipe de olhos pretos parado na estrada.

— Donde vieste tu, criadeira de galinhas? — disse ele olhando para o rosto da moça. — Ontem vi na festa da cidade uma princesa que tinha a tua cara!

Tremendo de medo, Maria respondeu:

— Quem sou eu, minha alteza, para me parecer com a mais bela princesa da vossa festa?

Mas o príncipe saiu de cabeça baixa. Naquele dia era a última noite de festa. Maria, sentada na porta de seu quarto, olhava a lua saindo do céu bem redonda, cobrindo tudo de prata. Vinha um ventinho de longe soprar os cabelos encantados da princesa. Pela estrada, as carruagens corriam para o baile. Aí ela ouviu a voz macia de Labismínia:

— Maria, toma a tua carruagem e vai para a festa.

Uma carruagem com arreios de brilhantes, com seis cavalos brancos, esperava pela mais bela princesa da Terra. Quando Maria deu fé, estava com o seu vestido que tinha a cor do céu com todas as estrelas.

No salão grande da festa todo o mundo parou para olhar para ela.

Pararam as danças, parou a música. A princesa entrou e só se via gente se admirando para o que ela trazia de belo. O príncipe ficou tão cheio de amor

que correu para a princesa e caiu aos seus pés, beijando-lhe o vestido, com lágrimas nos olhos pretos.

— Minha bela princesa, guarda contigo esta lembrança — disse ele.

E deu a Maria uma linda joia.

Na hora que os galos cantaram, voltou outra vez a princesa para o seu quarto.

E o príncipe, de tanto amor que pegou por ela, caiu doente de cama.

Nada existia para ele, não comia, não dormia, dando suspiros pela princesa que se fora embora. A rainha chamou todos os doutores do reino para ver o filho naquele estado. Mas ninguém sabia o que ele tinha. Coitado, nem um caldinho queria tomar. Da mão de ninguém ele aceitava comida ou bebida. A pobre mãe pedia aos outros para ver se o filho recebia de alguém o que não queria receber de suas mãos. Mas o príncipe se negava. Queria morrer, dizendo para todo o mundo que só a bela princesa da festa existia para ele. A rainha chamou, uma por uma, todas as mulheres da sua corte. Chamou as princesas, chamou as mulheres e as filhas dos seus vassalos, e o príncipe não queria olhar para nenhuma. Foi quando se lembraram da moça do galinheiro.

Maria foi chamada para o paço. A rainha foi logo lhe dando ordem para ela levar ao quarto do príncipe o caldo que ele não queria tomar da mão de ninguém.

— Minha rica senhora — respondeu Maria —, quem sou eu para merecer tanta honra de Vossa Majestade. Tudo o que eu posso fazer é preparar um caldo.

A rainha aceitou, de tão aflita que estava.

Maria preparou o caldo e dentro da xícara botou a joia que o príncipe lhe tinha dado na festa.

E quando o príncipe meteu a colher na xícara e viu a joia, levantou-se da cama, gritando para a mãe:

— Mãe, estou bom, manda trazer aqui a criatura que preparou o caldo.

Mandaram chamar a criadeira de galinhas.

E quando os mensageiros chegaram do chiqueiro, encontraram a princesa da festa, com o seu mais belo vestido, com cem negras para lhe servir de criadas, com mil malas de roupa, com três grandes carruagens.

E a princesa Maria se casou com o príncipe de olhos pretos. Mas no dia da festa do casamento se esqueceu de chamar três vezes por Labismínia, como havia prometido.



E a pobre princesa não se desencantou. Ficou cobrinha para toda a vida, com aqueles olhinhos de gente.

E é por isto que ainda hoje o mar geme tanto, grita tanto, soluça, faz tanto barulho. É a pobre Labismínia que do fundo do mar chama pela irmã ingrata que não se lembrou dela no dia mais feliz da sua vida.

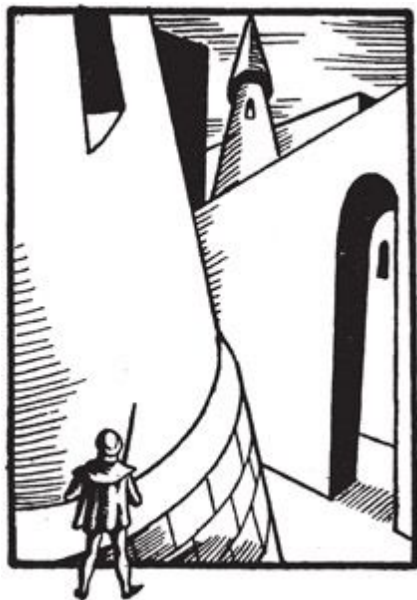
O príncipe pequeno



ERA UMA VEZ UM príncipe chamado João, que gostava muito de caçar. Lá um dia saiu ele com os companheiros atrás de um veado que corria como um desesperado. O príncipe andou atrás do bicho o dia inteiro e quando foi quase à boquinha da noite, ele se perdeu dentro de uma mata muito grande.

Olhou para todos os cantos, foi de um lado para outro, e nada de encontrar uma saída. E assim andando às tontas, o príncipe João começou a tremer de medo. A mata fazia um barulho medonho. Era assobio de pássaro, urro de bicho, grito de fera. E ele, sem saber o que fazer, deu para andar à toa, até que viu um caminho e meteu-se por ele. E assim andou léguas e léguas, sem parar, até que quando amanheceu foi num reino cercado de muros mais altos que as torres de uma igreja. E de tão cansado que estava, o príncipe adormeceu em cima de uma pedra.

E aí ficou até que ouviu um urro mais forte do que os das feras das matas, um urro que lhe abalou os ouvidos. Então o príncipe acordou, tomou atenção no tempo, lembrou-se da noite perdida na mata, do veado veloz, e olhou para todos os lados. Bem perto dele estava um reino estranho. Muros enormes como montanhas cercavam o palácio. A torre ia quase aos céus.



E estava o príncipe olhando essas coisas bonitas, admirado de tanta grandeza, quando um urro estrondou perto dele.

Aquilo só podia ser fala de gigante, pensou o príncipe. E aquele reino era na certa a morada dos falados gigantes, dos malvados gigantes que andavam pelo mundo matando gente.

Não havia dúvida. O príncipe João dera, sem querer, no meio deles.

Melhor que tivesse ficado na mata. A noite passaria. O barulho dos bichos passaria e ele gritaria tanto pelos companheiros que alguns chegariam na certa para socorrê-lo. Agora, era o que via. Estava na terra dos gigantes!

E mal ele acabava de pensar, quando sentiu um bafo como de boca de forno. Virou-se. Um gigante estava perto dele, respirando. E o bicho falou.

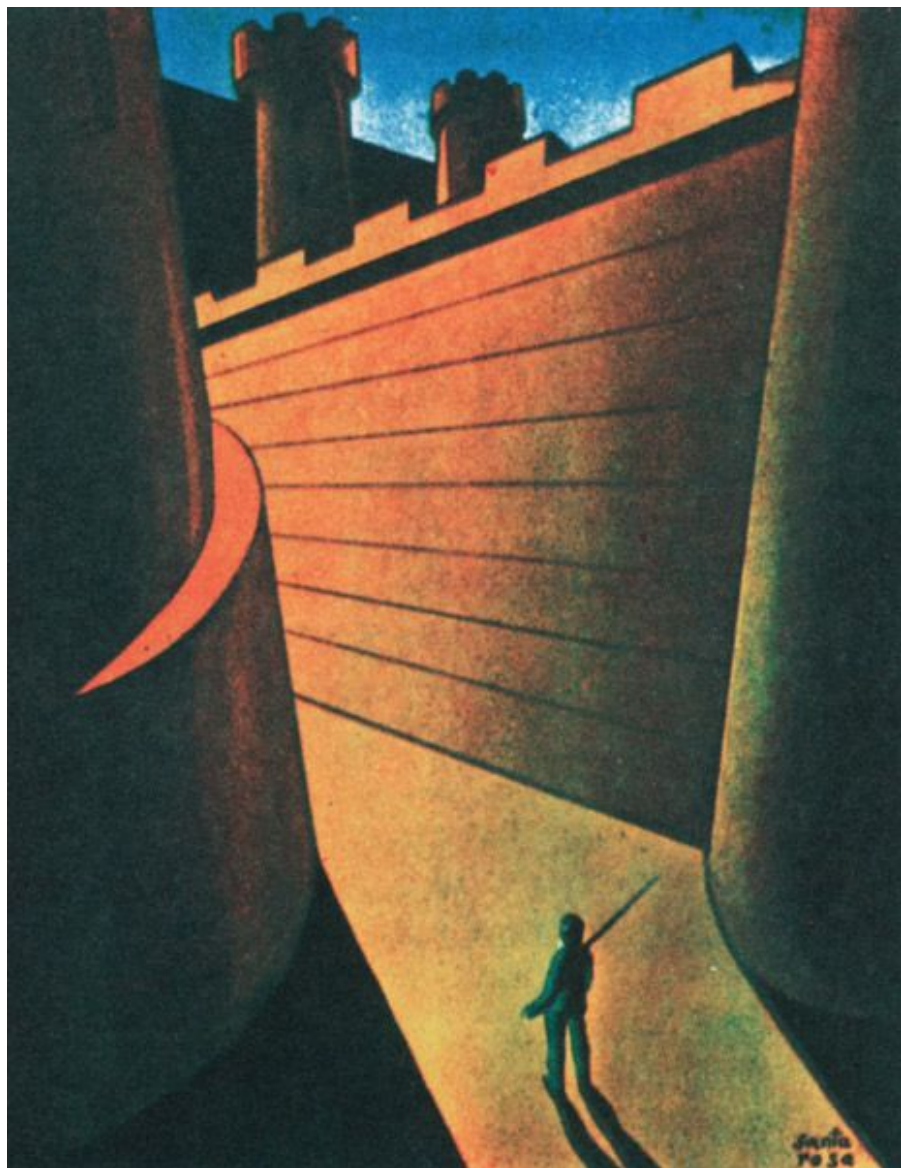
E a fala dele parecia um barulho de trovão:

— O que queres em nossa terra, peregrino? — perguntou o bicho, abrindo a boca, que era do tamanho de uma cacimba, com dentes do tamanho dos dentes dos elefantes.

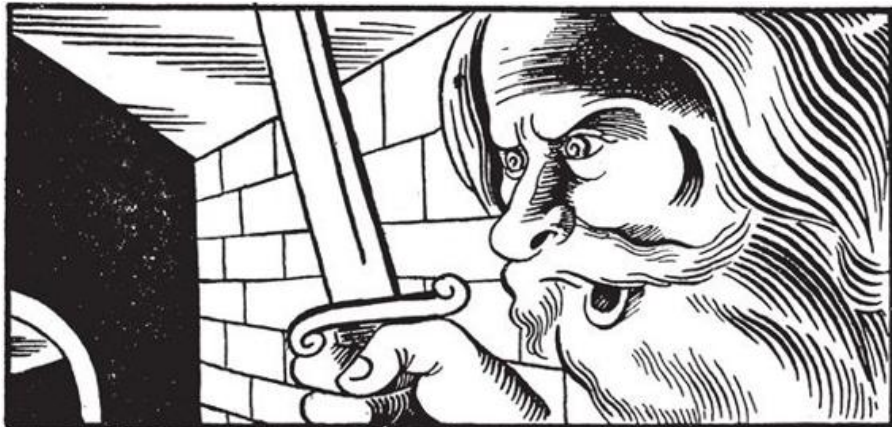
— Que queres no nosso reino, peregrino?

Aí o príncipe João, tremendo como vara verde, contou a sua história. E

o gigante mandou que ele viesse atrás dele para falar com o rei. Cada passada do gigante dava por mil passadas de um homem alto. E correndo para pegar o outro, chegou o príncipe na porta do palácio. Parecia um mosquito no meio de elefantes. Quando os gigantes respiravam, precisava que ele se segurasse nas cadeiras, senão era chupado para dentro das ventas dos monstros.



Muros enormes como montanhas cercavam o palácio.



E quando o rei começou a falar, parecia que dava estalos de tempestade.

Enquanto o criado do rei contava a história, o gigante velho olhava para o príncipe João com dois olhos iguais aos de um farol. E o gigante velho deu uma gargalhada como um ribombo. O príncipe João viu, atravessados nos dentes do rei, quartos de boi como se fossem fiapos de carne.

— Vais ficar aqui como meu criado, Homem Pequeno — disse o rei. —

Vais ficar armado de um cutelo para matar os piolhos da minha cabeça e as pulgas da minha cama. Vai para a estrebaria dos meus cavalos! Lá dormirás.

O príncipe João saiu com mais medo do que o medo que lhe fizeram os bichos da mata. E ficou numa tristeza de cortar coração. Era tão feliz no seu palácio real! Para que diabo se lembrou de caçadas. Bem que sua mãe lhe disse: “João, para que tu te metes a matar os bichos e os passarinhos de Deus? João, que coração é o teu que não se importa com a vida dos animais?” E ele não ouviu os conselhos de sua mãe e saiu atrás daquele veado que corria mais que os cachorros de raça. E dera naquilo. Agora, era prisioneiro dos gigantes. E estava desgraçado para o resto da vida.



Da estrebaria, ele ouvia o barulho do palácio. Passava uma boiada para o almoço do rei. Os cavalos do rei eram mais altos que as casas dos homens de verdade. Cada pata parecia um lajedo. Cada cavalo tinha, para comer, capim que dava para uma manjedoura de muitos animais.

Estava o príncipe João reparando em tudo aquilo, quando veio uma mulher de cabelos louros chegando para ele. Era uma da raça dos gigantes.

Mas era bela, tão bela que o príncipe ficou tonto com a sua beleza. Nem parecia que era uma gigante. E a moça se chegou falando baixo, numa voz que parecia de gente. E foi dizendo:

— Belo príncipe, quem me dera ser do teu tamanho! Como são belos os teus dedos e lindas as tuas orelhas.

O príncipe sorriu e disse para ela umas palavras que aprendera na corte de seu pai:



— Rica princesa, quem me dera merecer as vossas graças! Quem sou eu, pobre príncipe, pobre homem pequeno, para avaliar a vossa beleza e os vossos encantos.

A moça, que se chamava Guimarra, sorriu para o príncipe. E antes de sair, lhe disse:

— Quando estiveres em perigo, lindo príncipe, me procura. Eu saberei te valer.

E saiu. E ficou na estrebaria um cheiro como se uma pessoa tivesse derramado uma lata de extrato por cima das imundícies dos cavalos do rei.

Passados tempos, estava o príncipe João muito bem tratando dos cavalos, quando veio um chamado do rei. O rei queria falar com ele a toda a pressa.

Lá chegando, viu ele o gigante velho, de cara feia, com uma tromba de raiva maior que a do costume.

— Aqui estou eu para vos servir, Majestade.

— Olá, Homem Pequeno — disse o rei —, me disseram, homem, que tu estavas te gabando de que podias numa noite derrubar os muros do meu palácio e levantar outros muros, no mesmo instante?

— Nunca que eu dissesse isso, Majestade! — respondeu o príncipe.

O rei deu um grito que tremeu o chão.

— Farei o que Vossa Majestade manda — disse o príncipe João, suando frio.

E voltou assim para a estrebaria. E ficou triste, pensando na morte certa, na forca, nos urubus que viriam comer a sua carne.

Estava com esses pensamentos tristes, quando sentiu cheiro, como se todas as rosas do mundo estivessem ali pertinho dele, numa touceira só.

Era a bela Guimarra que tinha chegado.

— Por que estás assim tão triste, lindo príncipe? — perguntou ela.

— Ah, minha bela princesa, o senhor vosso pai me deu um trabalho

para fazer que nem mil homens do meu tamanho fariam num ano. Ele quer que eu derrube os muros do palácio real e levante outros no mesmo instante.

— Não é motivo para estares assim tão triste, meu belo príncipe —

disse a princesa. — Fica na tua estrebria e deixa o serviço por minha conta.

No outro dia o rei verificou que todos os muros do seu palácio, que iam ao fim das montanhas, estavam novinhos em folha, pintados de cal.

— Que diabo! — disse o rei para o seu tesoureiro. — Este homem pequeno vale por muitos gigantes. Manda que ele venha falar comigo. Tenho para mim que a minha filha Guimarra anda protegendo esse nanico.

E quando o príncipe João chegou na sala real, o rei estava no seu trono com cara de poucos amigos. Tinha na testa uma ruga que parecia um rego de cana. E com os olhos arregalados como dois holofotes de trem, perguntou:

— Homem Pequeno, foste tu ou foi a minha filha Guimarra que fez os trabalhos de ontem?

— Nunca vi a vossa bela filha, rei meu senhor. Nunca os meus olhos tiveram essa alegria, rei meu senhor.

— Então vai tratar dos meus cavalos — disse o rei. — E se algum dos meus animais emagrecer, mando arrancar o teu fígado pelas costas.

E o pobre príncipe não parava um momento, trazendo capim para os cavalos do rei. Era um comer que não acabava. E mal botava ração para um, o outro cavalo já estava de olhos compridos pedindo capim. Então Guimarra vinha e, com os seus braços encantados, enchia as manjedouras de capim.

Passaram-se os tempos. Um dia, chegou outro recado do rei. O rei queria falar com o príncipe, seu escravo. E para o palácio o príncipe João se botou.

— Olá, Homem Pequeno, me diz o meu tesoureiro que tu andas te gabando de que, numa noite, serias capaz de matar todos os bichos da minha

ilha dos Bichos Bravos. E plantar ali um jardim mais bonito do que o jardim do meu palácio. E trazer para regar as plantas água do riacho que corre lá para a banda das montanhas.

— Tudo farei para vos servir, rei meu senhor. Tudo farei para vos servir, com a ajuda de Deus.

O rei deu uma gargalhada com tanto gosto que derrubou o príncipe no chão. E o pobre voltou para a sua estrebaria se lastimando da vida. Coitado dele que ia morrer! Como poderia matar os bichos e os tigres do jardim das feras, com que força traria para aquela ilha o riacho que corria nos confins das montanhas? Não tinha mais dúvida. Ia morrer na certa. E assim ficou o príncipe contando as suas horas. Bem que sua mãe lhe disse para não matar os animais e os passarinhos de Deus.

E estava ele com esses pensamentos, quando sentiu o cheiro da princesa Guimarra.

— Por que estás tão triste, belo príncipe?

— Ah, minha bela princesa, o vosso pai quer me matar! Ordenou-me que matasse todos os bichos do jardim das feras e que trouxesse do fim do mundo um riacho.

— Fica descansado, meu belo príncipe, que Guimarra dá conta de tudo isso. Dorme a tua noite descansado, sonha comigo que nada te acontecerá.

Dito e feito. Quando foi de manhãzinha, o rei mandou o tesoureiro olhar para o jardim das feras. E o tesoureiro voltou de boca aberta para dizer:

— Saiba Vossa Real Majestade que por lá mudou tudo como por encanto. Tudo que foi bicho feroz desapareceu. Aquilo agora é um jardim mais belo que o de Vossa Majestade, o mais belo jardim que enfeita a ilha inteira. Rosas mais belas que as de Vossa Majestade se espalham pelos ribeirões.

O rei ficou danado e mandou chamar o Homem Pequeno.

— Foste tu ou foi a minha filha Guimarra quem fez tudo? — perguntou o gigante velho.

— Saiba Vossa Real Majestade — respondeu o príncipe — que os meus olhos nunca tiveram a ventura de conhecer a real princesa. Deus ainda não me deu essa grande alegria.

O rei bateu com as mãos no seu trono de diamantes que chega tirou fogo, como em uma bigorna de ferreiro.

E o príncipe João foi para a sua estrebaria assustado, pensando na sua desgraça. Tudo para ele estava perdido.



Com a noite, Guimarães chegou e foi logo dizendo:

— Meu belo príncipe, prepara-te, que hoje de madrugada fugiremos os dois. Prepara o cavalo preto, põe nele os mais fortes arreios e espera por mim na estrada.

De fato. Quando foi lá para as duas horas da manhã, Guimarães e o príncipe fugiram no cavalo mais bonito das estrebarias do rei.

Na hora do almoço o rei desconfiou. Deu gritos de todos os tamanhos.

Mandou procurar Guimarães. E quando soube da fuga da filha, preparou o seu cavalo ruço, armou-se com as suas armas e saiu desembestado atrás dos dois.

O cavalo de Guimarães andava cem léguas em cada passada que dava.

Mas o cavalo do rei andava ainda mais.

— Anda, meu cavalo! — gritava Guimarães.

— Anda, meu cavalo! — gritava o rei —, que eu mandarei cortar todo o capim dos meus campos para te dar!

E meteu as esporas. Corria sangue, como de uma bica, da barriga do animal.



— Anda, meu cavalo, que todo o capim do meu reino será teu!

O cavalo rompia os espaços, era o mesmo que um relâmpago.

E Guimarães, quando deu fé, viu que o pai estava quase que pegando a ela e ao seu belo príncipe. Aí Guimarães, que era uma moça encantada, fez a sua reza. E de repente todos se encantaram. Guimarães era um rio, o príncipe João um negro velho, o cavalo um pé bonito de gameleira.

O rei esbarrou o seu cavalo em cima do rio. E não vendo mais sinal dos fujões, falou para o negro que tomava banho:

— Negro velho, não viste passar por aqui uma moça e um moço montados num cavalo preto?

O negro velho se fez de mouco e só fazia perguntar ao rei:

— Como é, senhor moço, este rio encheu hoje, e o meu senhor me mandou tomar banho!

E o negro velho mergulhava na água do rio.

— O meu senhor me mandou tomar banho! — E mergulhava na água do rio.

O rei dos gigantes, desesperado, voltou para casa. Vinha mesmo com o diabo no corpo.

— Onde deixaste Guimarães? — perguntou a rainha.

O rei contou a história. E a rainha, que era encantada também, deu

uma risada nas ventas do rei.



— Foste enganado, maluco, foste enganado! Guimarra era o rio, o príncipe era o negro, o cavalo era a gameleira! Foste enganado! Volta. Volta atrás deles e pega os fujões.

O rei preparou o seu cavalo alazão, que corria duzentas léguas, mandou afiar as esporas como navalha, e saiu.

— Anda, anda, meu cavalo real! Anda, que eu mandarei te dar solta no melhor capinzal do meu reino!

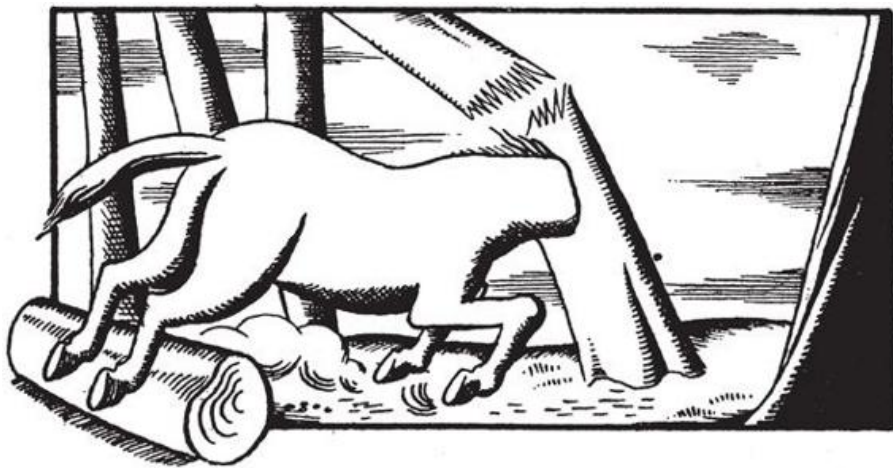
E o cavalo corria, e o sangue espanava de sua barriga como de fonte. E nem o vento corria mais que o cavalo alazão do rei dos gigantes. E de tanto correr, pegaram o cavalo de Guimarra.

A princesa, quando viu que o pai se chegava, encantou-se outra vez. Ela ficou feito uma igreja, o príncipe João um padre, a sela um altar, o cavalo o sino. O sino tocava, chamando o povo para a missa. E o padre, todo aparamentado, rezava no altar.

O gigante parou na porta da igreja. Ele era tão grande que não podia entrar. E lá de fora foi perguntando:

— Olá, padre, para com essa missa e me responde! Não viste por aí uma moça e um homem?

E o padre nada de entender. Só fazia dizer a sua missa batendo nos peitos. O sino tocava. E a espingarda do príncipe, que era o sacristão, tocava as campainhas sem nem ouvir a gritaria do gigante. E não havia jeito do padre falar.



E por isso o rei dos gigantes voltou para o seu palácio. E chegando lá, a rainha foi logo perguntando:

— Cadê Guimarães? O rei contou tudo.

— Marido — lhe respondeu a mulher —, tu foste outra vez enganado!

Aquele padre era o príncipe João, Guimarães era a igreja. Marido, tu foste um leseira! Tu só tens tamanho! Volta. E vai buscar a minha Guimarães do coração!

Então o rei mandou selar uma mula sem cabeça que ele tinha pegado numa noite de quaresma, e saiu como um doido pelas estradas, botando serras abaixo, derrubando os paus linheiros, fazendo mais estrago que um pé de vento do diabo. A burra corria mais que um trem na linha. E o gigante já estava pega não pega a filha, quando Guimarães se lembrou dos seus poderes e soltou no ar um punhado de cinza.

E o mundo todo se cobriu de uma neblina como no dia em que mataram Nosso Senhor. E o rei dos gigantes se perdeu numa nuvem de poeira. E a mula sem cabeça rinchava que se ouvia a cem léguas em derredor. O gigante berrava, de cego que estava. E o mundo todo era só cinza!

E assim Guimarães e o príncipe João chegaram sãos e salvos ao palácio real do rei dos homens pequenos.

Houve festa na corte. A rainha chorou de alegria vendo o filho que voltava, o rei deu uma semana de folga aos escravos. E Guimarães se



desencantou, ficando uma princesa como as outras. E casou-se com o príncipe João. E tiveram filhos. E foram os príncipes mais felizes da Terra.

O Sargento Verde



UM HOMEM MUITO RICO tinha uma filha mesmo no ponto de casar. Era uma moça muito bonita mas muito devota, sem jeito para aparecer a algum rapaz.

E o pai não gostava de ver a sua filha assim pelos cantos, desconfiada, sem querer ir aos grandes bailes que ele oferecia no seu palácio.

Mas lá um dia bateu na casa desse homem um senhor bem-vestido, de dente de ouro na boca, montado num lindo cavalo alazão, com arreios de prata. Era um pretendente para a bonita menina.

Chamava-se ele Guilherme e possuía grande fortuna, muitos engenhos, soltas de gado, carruagens de muitos cavalos. E bonito, um homem bonito, bem-falante, cheio de maneiras. O velho ficou todo cheio de

alegria.

Mandou chamar a filha e foi logo dizendo:

— Minha filha, este cavalheiro distinto soube da tua formosura e veio de longe para pedir a tua mão em casamento.



A moça ficou sem saber o que dissesse. Mas ali na frente do estrangeiro, não disse nada ao pai. E o velho tomou aquilo como sinal de agrado da filha. E o dia do casamento foi logo marcado.

Então Maria foi para o seu quarto pensar. Afinal de contas, ela não era tão sem jeito como pensava o pai. Estava ali um homem bonito, que viera de longe, de terras estranhas, atrás dela, à sua procura para casar. E ela rezou muito para sua madrinha, que era Nossa Senhora.

No outro dia, à tardinha, como de seu costume, saiu a moça de casa para dar um passeio pela estrada e ir ouvir os pássaros cantando por perto da fonte, pelos galhos das árvores que davam sombra à fonte que corria tão mansa, tão boazinha, dando água doce ao povo.

E quando ela foi chegando, viu uma velhinha sentada, com uma vara na mão, sem poder com um pote d'água que vinha trazendo.

— Para onde queres que eu leve esse pote, minha velhinha? —
perguntou a moça bonita.

— Ah, minha filha, como o teu coração é grande! Por aqui passou gente de toda a qualidade e ninguém se lembrou de me ajudar. Por isso eu quero te ajudar também. Eu sou a tua madrinha.



Aí a moça caiu de joelhos e beijou o vestido esfarrapado da velha. E quando ela olhou, não viu mais a velhinha. Viu foi a moça mais bela do que todas as imagens de Nossa Senhora. E o manto que trazia era mais bonito do que todos os vestidos do mundo.

— Minha filha — disse Nossa Senhora —, hoje de manhã estive em tua casa um homem bonito que pediu a tua mão em casamento. Aquele homem bonito é o Cão, minha filha. Ele saiu das profundezas para te tentar e enganar teu pai e roubar uma das minhas afilhadas no mundo. Mas eu não abandono as minhas filhas queridas. Podes ficar descansada que ele não poderá contigo. Para isso é preciso que tu me obedças. Olha, no dia do casamento, quando tiver saído o último convidado, teu marido irá te levar para a casa dele. O Cão é bem estradeiro, cheio de muitos agrados. Ele trará uma carruagem para te levar. Tu te negues a montar em carruagem. Ele te trará o cavalo mais bonito do mundo, com arreios de rei. E tu também te negues. Então, tu pedes a teu pai o cavalo mais magro e mais feio, um cavalo que nem sirva mais para os criados. E monta nele. E deixa o resto por conta do animal.

E dito isto, a moça quando olhou não viu mais a sua madrinha. E tudo foi muito bem até o dia do casamento. O noivo chegou em trajes de veludo, enfeitado de joias como um príncipe. Fazia gosto olhar-se para ele, de tão bonito que estava. Veio numa carruagem puxada por quatro cavalos com ferraduras de diamante. Trazia dois pajens fardados como pajens de rei.

O pai da menina ficou cheio, vendo um noivo tão rico para se casar com a filha. Gente rica era assim. Quanto mais dinheiro tinha, mais queria ter.

A noiva no seu quarto se preparava para o ato. Mas houve logo uma

contrariedade. O noivo disse que não era religioso e por isto não se casava com padre. Só se casaria no juiz.

Feito o casamento, veio a carruagem para a noiva tomar.

— Qual — disse ela —, eu fiz uma promessa para no dia do meu casamento ir para a casa do meu marido no cavalo mais feio e mais magro das estrebarias de meu pai.

O pai e o noivo fizeram tudo para mudar o pensamento da moça. E não houve pedido. Ela só sairia de casa num cavalo velho que parecesse uma grelha, de tão magro.

E feito isto, saiu o cortejo. O noivo montado no seu corcel com arreios que tiravam raios do sol. E a noiva do seu alazão todo fouveiro, meio descadeirado. Foi uma risada dos convidados, quando viram uma moça tão bela numa montaria tão feia.

E assim foram andando. E na encruzilhada que a madrinha tinha falado, a noiva deixou que o noivo tomasse pela direita, enquanto ela seguia pela esquerda. O Cão, vendo aquilo, deu o desespero. E já ia pegando Maria para levá-la com ele para o reino das trevas, se ela não se lembrasse do rosário que trazia no pescoço e não o sacudisse para cima dele. Aí ouviu-se um estouro como de rouqueira em noite de São João. E um cheiro de enxofre empestou todo o ar. O diabo tinha estourado, com os poderes de Nossa Senhora.

E Maria ganhou pela estrada que sua madrinha tinha ensinado. E foi andando, andando, até que avistou uma terra bonita, um castelo tão bonito como ela só tinha visto nos seus sonhos. E para lá ela foi andando, confiada sempre na sua madrinha. Era ali o palácio de um rei bondoso e de uma rainha que maltratava os seus vassalos.

E Maria se viu de repente transformada num soldado vestido com uma bela farda verde. O cavalo é que era o mesmo, bem velho e bem magro. E a surpresa maior de Maria foi quando reparou que o seu cavalo falava como gente.

— Aqui — disse o cavalo — mora um rei muito bom, muito caridoso, amigo do seu povo, minha bela menina. Procura trabalho na corte. E não procures olhar para a rainha que é uma mulher muito intrigante.

Assim fez Maria. O rei ficou muito satisfeito com aquele belo soldado que aparecia para servir na sua guarda. A moça encantada tinha as feições de um moço lindo e forte.

O rei logo que viu um soldado daqueles chamou-o para seu ajudante de campo, dando a ele a patente de sargento. Também o Sargento Verde, como era conhecido na corte, merecia aquela distinção. Nunca que o exército daquele rei tivesse soldado mais bonito, sabendo manobrar as tropas, mandar



nos praças, tocar corneta. Quando o Sargento Verde passava pelas ruas da cidade, o povo corria para ver o seu primor, a sua maneira de marchar. As moças sacudiam rosas para ele e os rapazes invejavam aquele porte de príncipe.

O rei cada vez que se passava, mais ia gostando do seu Sargento Verde.

Não havia caçada a que ele fosse, que não levasse o sargento. E passeava pelos jardins reais ao lado dele, pedindo até conselhos. E por isso o conselheiro do rei não gostava do sargento. O tesoureiro ficava com inveja daquele rapaz chegado ontem na corte e já com tanta importância. Mas o pior foi a rainha, que se enamorou do Sargento Verde.

E numa noite em que o rapaz entrava no seu quarto pensando na vida, ouviu a fala do seu cavalo velho, que dormia na estrebaria, perto:

— Vem cá, Maria, vem cá que eu tenho uma coisa para te dizer.

Maria correu para perto do seu amigo, que falava para ela com toda a franqueza:

— Abre o teu olho, Maria, já reparaste nas intenções da rainha? Ela quer te perder, toma cuidado. O rei é teu amigo. Ele te trata como nunca tratou nem ao seu secretário. A rainha é o demônio, Maria.

E depois o cavalo velho se calou e Maria voltou para o seu quarto.

No outro dia, quando o Sargento Verde ia passando pela porta da rainha, a malvada disse para ele:

— Belo rapaz, vai ao jardim e traz para os meus jarros as rosas mais formosas do rei. E eu fico te esperando aqui, belo soldado.

O Sargento Verde foi ao jardim, cortou as rosas mais bonitas e como se entrasse no quarto dos santos, entrou no quarto da rainha. Mas a rainha não gostou daquele ato do seu vassalo, porque ela gostava muito de ser admirada. Ela que era a mais formosa mulher do mundo, ser tratada daquele jeito por um sargento qualquer. E veio um ódio terrível no seu coração, uma vontade de cortar aos pedaços aquele rapaz que não olhava para ela. E para se vingar foi ao rei, e disse:

— Saiba o meu real marido que o Sargento Verde anda se gabando de que é capaz de ir ao fundo do mar e matar o Dragão.

O rei ficou muito espantado e mandou chamar o rapaz.

— É verdade que tu andas te gabando de que poderás matar o Dragão do fundo do mar?

— Rei meu senhor — respondeu o Sargento Verde, mais morto do que vivo —, eu não disse tal. Mas para servir a Vossa Majestade, sou um escravo.

Dito isto, a moça encantada voltou para o seu quarto cheia de mágoa. O

que seria ela para o Dragão que morava no fundo do mar? Estava morta na certa, seria vencida na certa. Aí, ela ouviu que alguém chamava pelo seu nome.

— Vem cá, minha linda menina.

Era o cavalo magro que queria falar.

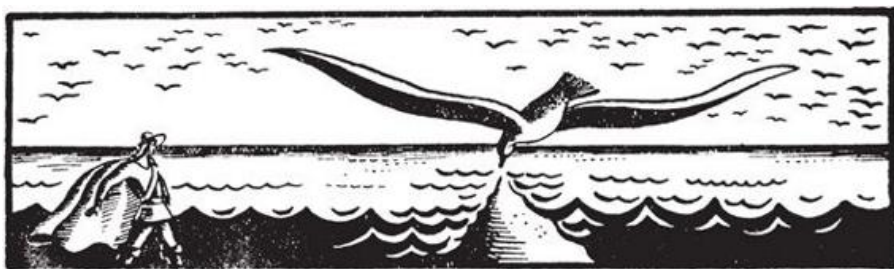
— Por que estás tão triste?

A moça contou a sua história. Tinha que ir ao fundo do mar, era ordem do rei. A rainha tinha inventado aquilo porque estava despeitada.

— Não tem nada não. Amanhã de manhã vai para a beira do mar e quando vires a gaivota grande pinicando as ondas, grita por mim. Três vezes grita por mim. Vai descansada, que tudo correrá muito bem.

O sargento dormiu sem medo. Quando foi de manhãzinha, saiu para a beira do mar.

E de fato. Lá estava a gaivota batendo as asas com um barulho de matraca. Maria nunca tinha visto um pássaro daquele jeito. Depois, a gaivota começou a meter o pescoço dentro d'água. Aí, o sargento deu um grito pelo seu cavalo magro. A gaivota nem ouvia. Ele deu outro grito. E nada. Mais



um terceiro, e as ondas do mar pararam de bater na praia, o vento deixou de soprar. E um buraco como um caminho gigante se abriu nas águas. E mil gaivotas entraram por ele. Ouvia-se um bater de asas como de cem mil matracas na semana santa. E depois um urro veio do fundo do mar. Um urro que parecia que vinha dos confins da Terra, uma coisa de arrepiar os cabelos.

E quando o sargento viu, foi o Dragão estendido na praia. Mil gaivotas voavam por cima dele. Tantas gaivotas que cobriam o sol, que vinha nascendo. Fez-se um escuro na Terra. A moça encantada se viu numa noite de trevas. Mas aos poucos o sol foi chegando. E quando clareou, não se via nem mais uma gaivota. E o Dragão, morto, estava estendido na praia, com as suas dez cabeças de fera e as suas cem patas de onça. Nisto, apareceram dez juntas de boi encangados, arrastando um cabo de navio.

O Sargento Verde amarrou o bicho, e os bois saíram puxando o Dragão para o palácio do rei. Veio gente de todos os cantos do reino para ver o Dragão de papo para o ar, como um baiacu inchado na praia.

O rei ficou espantado. Chamou o seu Sargento Verde e disse na frente de todo o mundo:

— Meu fiel soldado, nunca vassalo meu foi mais valente. Mataste o maior inimigo dos homens, o devorador de todos os meus peixes. Por isso, serás de agora por diante o comandante da minha guarda.

Quando o sargento chegou na porta do rei, o povo deu vivas a ele.

— Viva o Sargento Verde! Viva o Sargento Verde, que matou o Dragão!

— Viva! Viva!...

Uma banda de música tocava. E fizeram no reino uma festa que durou oito dias.

Agora, os pescadores podiam pescar descansados, que o Dragão não matava mais ninguém. O mar era manso como um lago, as jangadas e os navios não viravam mais. E tudo isso por causa do sargento do rei!

A rainha, por outro lado, não perdia as esperanças de perder o Sargento Verde. E lá um dia, vendo o rapaz sozinho no jardim, chegou-se para ele:

— Bom-dia, meu belo sargento, está um dia lindo, não achas? Queria que tu fosses tirar para mim aquele cravo vermelho.

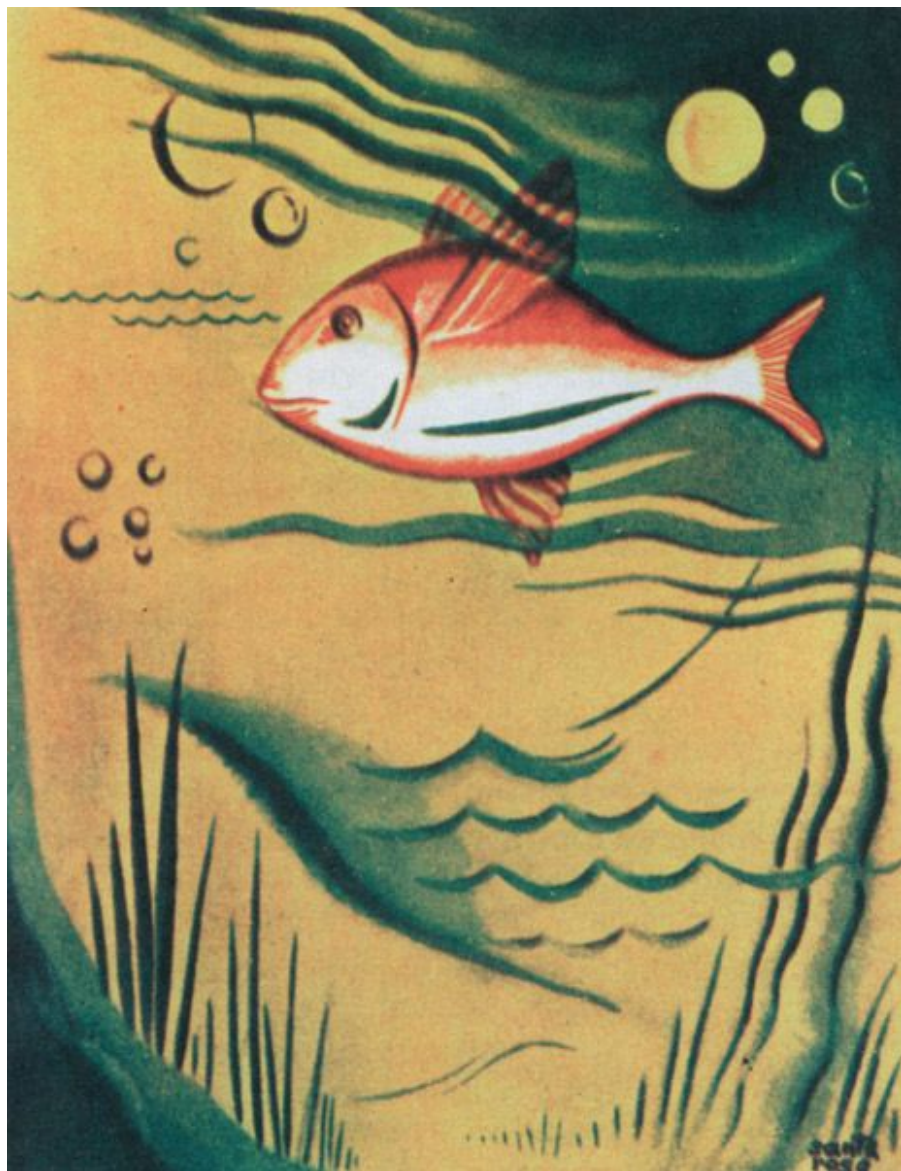
O sargento trouxe o cravo para a rainha. E ela sorria para ele, mostrando os seus belos dentes.

— Por que não gostas de mim, meu belo rapaz?

Aí o sargento disse que gostava muito dela, mas que gostava também do seu rei. E foi saindo de perto da rainha, que ficou danada com ele.

E tão danada ficou que foi direitinho ao rei, fazer outra intriga:

— Meu querido marido, o vosso vassalo, o Sargento Verde, anda falando por aí que é capaz de derrubar todo o vosso sítio de fruteiras e plantar tudo de novo. E de numa noite fazer as bananeiras, as laranjeiras, os sapotizeiros darem frutos.



O mar era manso como um lago.

O rei, ouvindo isto, mandou chamar o sargento. Que negócio era aquele que a rainha lhe tinha dito? Então ele se gabava daquilo?

— Rei meu senhor — respondeu o sargento —, nada disso saiu de minha boca, mas se Vossa Majestade quer, só há um jeito para mim: é fazer.

A moça encantada voltou para o seu cavalo magro e contou a história.

— Deixa isso comigo, menina — lhe disse o cavalo.



E no outro dia o sargento mandou cem escravos botar abaixo as fruteiras do rei. Mandou tocar fogo no mato, e quando tudo estava limpo como um terreiro, o sargento saiu semeando. E num abrir e fechar de olhos as bananeiras foram crescendo, as laranjeiras também, os sapotizeiros e tudo mais que era fruteira aparecia como se fosse de muitos anos.

E o sargento trepou num pé de laranja e trouxe para o rei uma fruta que era uma beleza.

O povo, que estava assistindo à coisa, começou a dar vivas ao sargento.

E o rei, sentado no seu trono, mandou chamar o seu vassalo, e disse:

— Sargento, a tua força não é deste mundo. Vejo que tens parte com os mágicos. Por isso eu te entrego a guarda do meu tesouro.

O Sargento Verde beijou a mão do rei seu senhor e saiu para o seu quarto.

Mas a rainha não se emendava. E mandou chamar o sargento para conversar.

— Meu lindo rapaz — disse ela —, vejo que és o homem mais poderoso deste reino, mais poderoso até do que o rei meu marido. Por que não matas o rei e não te casas comigo?

— Senhora — respondeu o sargento —, pensar nisto é mais do que um crime, quanto mais fazer! Amo o meu rei como a um pai.

A rainha ficou esperneando de raiva. E foi logo com outra intriga para o rei:

— Saiba o meu real marido que o Sargento Verde me procurou para dizer que era capaz de ir ao fundo do mar e tomar da Mãe-d'Água a

princesa encantada que vive por lá amarrada de correntes.

— Ele disse isso mesmo, mulher? — perguntou o rei.

— Disse, que eu vos juro — respondeu ela.

E por isso o rei mandou chamar o seu vassalo.

— Então, Sargento Verde, tu andas dizendo que és capaz de ir ao fundo do mar libertar a princesa encantada?

— Rei meu senhor, eu não disse isso não. Mas desde que Vossa Majestade ordena, não tenho outro jeito.

E dizendo isto, saiu para conversar com seu amigo o cavalo magro.

— Amigo cavalo, o negócio agora não é fácil não. A rainha me levantou outro falso.

Já sei de tudo, minha linda menina — disse o cavalo. — Vai dormir descansada e sonha com os anjos do céu. Amanhã, antes do raiar da aurora, vai para a beira do mar e espera que as ondas parem. Quando o mar não soltar mais nenhum gemido, chama por mim três vezes.

E foi o que aconteceu. Antes do sol apontar, o Sargento Verde estava na praia.

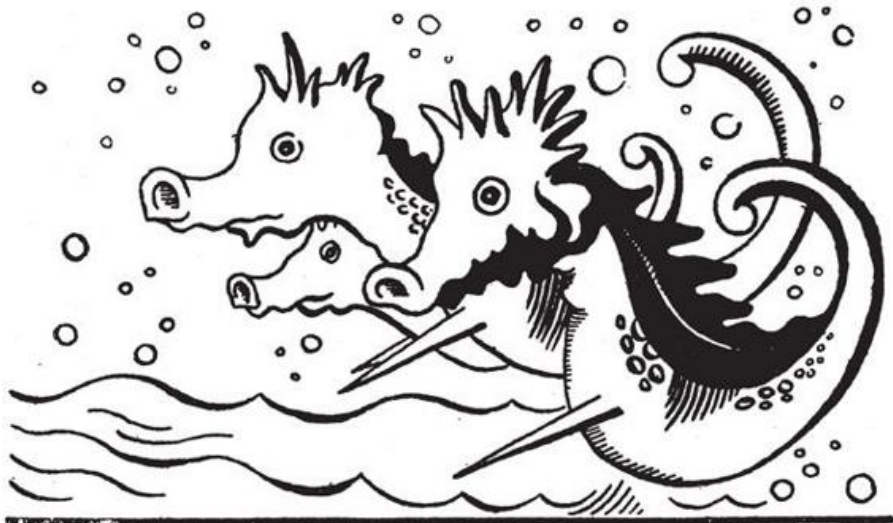
E não demorou muito que as ondas parassem de bater, e o mar ficou manso como uma lagoa. Aí o sargento deu o primeiro grito pelo cavalo magro. E uma estrada se abriu, bem a seus pés, que ia para o fundo das águas. Deu o segundo grito. E se viu vestido de uma couraça de ferro, com uma lança na mão. Deu o terceiro grito, e apareceu o cavalo para lhe dar um punhado de alfinetes e um punhado de cinza.

— Menina — lhe disse o cavalo —, desce de mar adentro e daqui a dois dias de viagem tu encontrarás o palácio da Mãe-d'Água. Luta e mata todos os bichos que aparecerem. Num subterrâneo, está a princesa encantada, encantada num peixe muito vermelho. Mata o dragão que guarda esse peixinho. Aí, tu deves tapar os teus ouvidos, porque o canto da sereia vem do fundo das águas para te encantar. Tapa os ouvidos e mete a tua espada nos bichos que aparecerem. Se tu ouvires um som da boca da sereia, estarás perdida para todos os tempos.



E dizendo isto, o cavalo magro sumiu. Aí, o Sargento Verde não perdeu tempo. Meteu-se de mar abaixo, andou léguas e léguas, até que encontrou o primeiro dragão. Lutou com o bicho e foi feliz no primeiro golpe. A cabeça do bicho rolou pelo chão. Andou mais léguas e botou tudo abaixo que aparecia na sua frente. E foi andando assim, até que chegou no palácio da Mãe-d'Água. Nunca que ele tivesse visto riqueza maior. As paredes do palácio eram de pérolas, as colunas de ouro, o chão de brilhantes. Aquilo chegava que doía nos olhos de um mortal. Mas o sargento não teve conversa.

Foi logo arrombando portas e lutando com o dragão que guardava o peixe vermelho. E mal ele cortou o pescoço da fera, o peixinho vermelho se desencantou numa moça de cabelos louros. Então o Sargento Verde pegou a princesa pelas mãos e veio saindo. Uma voz começou a cantar, a encher o mundo de uma música diferente de tudo. A moça era que ouvia a voz da sereia enchendo as águas de seu encanto. E não queria sair com o seu salvador. O sargento compreendeu a coisa, arrolhou os ouvidos dela com algodão que trazia no bolso, e foram saindo. A Mãe-d'Água, vendo que eles fugiam, e que o seu canto não prendia os fugitivos, soltou os seus cachorros-marinhos para perseguirem os dois. De espada na mão, o sargento foi matando tudo que aparecia. Mas, quanto mais ele matava, mais aparecia cachorro. Foi quando ele se lembrou do punhado de alfinetes e sacudiu em cima das feras. E nasceu uma mata fechada de espinhos. E os bichos custaram a romper a mataria. Mas eles já iam longe quando a cachorrada rompeu os espinhos. E todos já vinham outra vez atrás deles. O sargento



largou o punhado de cinza. E um nevoeiro cobriu tudo. E os cachorros latiam desesperados, sem saber para onde ir.

E a princesa e o seu salvador chegaram na praia.

O rei, quando viu a princesa aos seus pés, chorou de alegria:

— Minha filha, minha filha, há quantos anos estás perdida no fundo do mar!

E voltando-se para o sargento:

— Salvaste a minha filha! E ela será tua!

Mas logo depois o rei ficou muito triste, porque a moça não sabia mais falar, não sabia nem dizer papai, mamãe. E por isso seu pai ficou se lastimando da vida. De que serviu o sargento ter salvo a sua filha, para ela chegar como estava, sem saber dizer uma palavra?

— Ah, rei meu senhor — lhe disse a rainha —, o vosso vassalo o sargento anda se gabando de que fará a vossa filha falar num instante.

O rei ficou muito contente, mandou chamar o sargento e falou para

ele:

— Sargento, tu tens sido o meu braço direito. O que tu tens feito nunca vi ninguém fazer, nunca vi um homem com o teu poder, só mesmo o Salvador, quando andou pela Terra. A rainha me disse agorinha mesmo que tu podias fazer minha filha princesa falar.

— Eu faço, porque Vossa Majestade ordena.

E saindo do palácio, o sargento foi se encontrar com seu amigo o cavalo magro. Contou tudo a ele.

— Não tem nada não — disse o cavalo. — Na hora do almoço do rei, pegue a princesa e passe-lhe as cordas. Dê-lhe com vontade, que ela falará.

E assim foi. Quando o rei estava na mesa com a corte, o Sargento Verde entrou e chamou a princesa muda. E mal ela se chegou, ele passou-lhe as cordas com toda a força. A moça abriu a boca. E foi logo dizendo “Pai, papai”, como menino novo.

Na outra lapada, falou outra palavra, chamando pelo nome de Maria, que era o nome do sargento. E não disse mais nada.

— Rei meu senhor — disse o sargento —, na hora da janta eu voltarei.

E o rei, para a janta desse dia, convidou a corte, os embaixadores de Espanha, de França e Castela, e todo o mundo rico do reino.

Quando o sargento entrou na sala, bateram palmas e deram vivas. Mas nem parecia que era com o sargento tudo aquilo, porque ele foi entrando e foi logo pegando a princesa pelo braço e passando-lhe a corda no lombo. A princesa gemia e chorava. E de repente deu para falar como uma carretilha.

E todo o mundo ficou de cabelo arrepiado.

— Ah, meu pai — dizia a princesa —, a mulher que escolheste para rainha não seria tua se o Sargento Verde não fosse mulher como eu, se ele não fosse uma moça encantada em homem.

Ouvindo isto, a rainha saiu correndo de sala em fora, tropeçou no tapete grande e quebrou o pescoço.

O Sargento Verde se desencantou na moça mais bela que já se viu.

Depois da festa, quando o banquete se acabou, Maria saiu do palacete

para falar com o seu cavalo magro. E qual não foi o seu espanto, quando no lugar do cavalo encontrou o mais belo rapaz que seus olhos tinham visto. O cavalo magro estava também desencantado.

E o rei mandou fazer o casamento dos dois, com festas que duraram dias.



DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

BENJAMIN ABDALA JR.

Biografia

UM RETRATO (“BRASILEIRÍSSIMO”) A VÁRIAS MÃOS

“Tenho quarenta e seis anos, moreno, cabelos pretos, com meia dúzia de fios brancos, 1 metro e 74 centímetros, casado, com três filhas e um genro. 86 quilos bem pesados, muita saúde e muito medo de morrer. Não gosto de trabalhar, não fumo, durmo com muitos sonhos, e já escrevi onze romances. Se chove, tenho saudades do sol; se faz calor, tenho saudades da chuva. Vou ao futebol, e sofro como um pobre-diabo. Jogo tênis, pessimamente, e daria tudo para ver o meu clube cam-peão de tudo.”

Esse *Autorretrato*, escrito por José Lins do Rego em 1947, indica-nos com humor alguns dos traços contraditórios de seu caráter e a imagem irreverente de romancista já consagrado. É uma personalidade bem brasileira que começou a ser desenhada muito antes, desde quando nasceu a 3 de junho de 1901, no engenho Corredor, município do Pilar, no estado da Paraíba.

OS AMARGOS VERDES ANOS

Já no ano de nascimento, José Lins ficou órfão de mãe, Amélia. Seu pai, João do Rego Cavalcanti, foi viver longe dali, em outro engenho:

“Diziam que fora minha mãe que antes de morrer pedira que eu não fosse criado com meu pai.

Fiquei assim no engenho de meu avô, aos cuidados de tia Maria. A casa-grande do engenho Corredor quase não tinha dono. A velha Janoca, a minha avó, desde que me entendi de gente não tinha olhos para tomar conta das coisas. Mandava em tudo, sem, porém, dar boa ordem na vida de sua casa.” (*Meus verdes anos*.)

E assim o “sinhozinho”, dividido entre os cuidados de tia Maria e as experiências mais cortantes com os primos e os moleques livres do engenho, começou sua trajetória existencial. O centro desse mundo patriarcal — e que marcou parte de sua personalidade — foi seu avô.

“Sim, tudo era do meu avô, o velho Bubu, de corpo alto, de barbas, de olhos miúdos, de cacete na mão. O seu grito estrondava até os confins, os cabras do eito lhe tiravam o chapéu (...) A minha impressão firme era de que nada havia além dos limites do Corredor.” (Obra citada.)

AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA

À imagem do avô, o “menino de engenho” contrapunha sua identificação e aprendizagem com os negros remanescentes do tempo da escravatura.

Aprendeu as primeiras crônicas familiares através das conversas das criadas. Fascinavam-no, em especial, as histórias da velha Totônia, narrativas em versos originárias do cancioneiro ibérico. E ele seria o testemunho da decadência do engenho de açúcar, logo substituído pela usina, num processo de transformação da estrutura social e econômica do Nordeste.

A morte de tia Maria teve o peso de uma segunda orfanda-de. Foi encerrado no Internato Nossa Senhora do Carmo, de Itabaiana (Paraíba), que aparece transfigurado no romance *Doidinho*. Conta José Lins do Rego a Ledo Ivo:

“Duas coisas fundamentais constituíram minha formação de romancista: a velha Totônia e *Os doze pares de França*, livro de cavalaria que li no Instituto Nacional do Carmo (em Itabaiana), quando tinha dez anos. Foi este o primeiro livro que li.” (“Tribuna dos Livros”, no jornal *Tribuna da Imprensa*, 1957.)

E ELE “NÃO ERA UM ESCRITOR EMBRULHADO”

Transferiu-se, três anos depois, para o Colégio Diocesano Pio X, na capital do estado, onde travou um contato maior com a literatura. Pertenceu a uma sociedade literária chamada Arcádia e publicou um artigo sobre Joaquim Nabuco na *Revista Pio X*. Depois de 1915, frequentou, em Recife, o Instituto Carneiro Leão e o Ginásio Pernambucano. Em 1916, lê *O Ateneu*,

de Raul Pompeia, romance que o marcou bastante. Dois anos depois, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis: “O que mais me agradou nele foi a forma, a simplicidade da frase. Não era um escritor embrulhado.” (Ledo Ivo, publicação citada.)

José Lins ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1920. Foi uma época de farras e de desencanto em relação à vida acadêmica.

Consumiu em cerveja o dinheiro reservado para que entrasse no quadro de formatura de sua turma, em 1923. Desde 1919, já colaborava na imprensa (*Diário do Estado da Paraíba*). Estudante de Direito, trabalhou em vários jornais e chegou a fundar um (*Dom Casmurro*) juntamente com Osório Borba. Nunca mais abandonou o jornalismo.

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA E GILBERTO FREYRE

Mais importante que seu bacharelado foi o encontro nesse ano com Gilberto Freyre, retornado da Europa, após estudos universitários realizados anteriormente nos Estados Unidos. À influência do escritor José Américo de Almeida, que vivia no ostracismo político, soma-se a do futuro autor de *Casa-grande e senzala*:

“Gilberto Freyre (...) era um homem que trazia para o seu país soluções literárias inéditas.

Achava que a grandeza da literatura brasileira só podia existir com a matéria-prima brasileira.

Sem essa procura de nossas origens, não poderia haver originalidade nenhuma nem nos poemas nem nos romances. O seu regionalismo não era um regionalismo caipira. Era um regionalismo que podíamos chamar de universal, aquele que dá o toque de originalidade a um povo.” (Ledo Ivo, publicação citada.)

“ESSE NEGÓCIO DE LITERATURA NÃO BOTA NINGUÉM PARA DIANTE”

Casa-se, em 1924, com Filomena Massa (“Naná”), filha do senador Antonio Massa. Tiveram três filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina. Publica nesse ano um artigo intitulado “O diletantismo em Marcel Proust”. E o sogro, refletindo sobre a sua condição, observa: “Esse negócio de literatura não bota ninguém para diante.” Deixa Recife em 1925, para ser promotor público em Manhuaçu (Minas Gerais). Fica pouco tempo:

desilude-se com a magistratura e a vida na cidade pequena já o entedia. Lê muito, em especial Proust e Thomas Hardy. Assina a *Nouvelle Revue Française*.

O

ENCONTRO

COM

ESCRITORES

NORDESTINOS

RENOVADORES

A desistência do ministério público leva-o a Maceió (Alagoas), onde vai trabalhar como fiscal de bancos. Lá encontra escritores renovadores e participantes como Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda e Valdemar Cavalcanti. Continua a manter contatos estreitos com Gilberto Freyre e Olívio Montenegro, em Recife.

Partidário do Movimento Regionalista do Nordeste, opõe-se ao Modernismo de São Paulo e Rio de Janeiro. Na prática literária José Lins vai concretizar a nova linguagem “brasileira” que tanto os sulistas quanto os nordestinos estavam procurando.

É em Maceió que escreve em 1929 seu primeiro livro, *Menino de engenho*, publicado três anos depois numa pequena edição, paga pelo próprio escritor. O romance daria ao autor o Prêmio de Romance da Fundação Graça Aranha e seria, em 1965, produzido para o cinema por Glauber Rocha, sob direção de Walter Lima Júnior.

Começa, então, uma nova história. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1935, e seus livros já iam sendo publicados conforme os escrevia, desde 1933: *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Histórias da Velha Totônia* (1936), *Pureza* (1937),

Pedra Bonita (1938). Com *Riacho Doce* (1939) a ação desloca-se para o litoral alagoano; em *Água-mãe* (1941) vai mais longe — Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro (Prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira).

A SOLIDARIEDADE POLÍTICA E O “VELHO GRAÇA”

José Lins foi amigo de Graciliano. Prestou-lhe auxílio quando o “velho Graça” padecia na polícia política. Arrumou-lhe advogado (Sobral Pinto) e

escrevia-lhe bilhetes nas beiras dos jornais que enviava, arriscando-se à prisão. Numa carta a José Lins, Graciliano assinala:

“Recebi *O moleque Ricardo*, que foi devorado em pouco tempo. Não lhe mando parabéns: isto é desnecessário, você bem sabe o que faz. O receio meio ingênuo que tinha de o livro sair inferior aos três primeiros com certeza desapareceu. Vi uma nota do Carlos Lacerda, benfeita, mas uma verdadeira denúncia à polícia. Tenho a impressão de que você está aí metido em dificuldades por causa da questão social.”

Quando Graciliano, doente e sem dinheiro, saiu da prisão, foi morar em sua casa. Essas formas de solidariedade e o sentido social das suas produções impediram-no depois (1953) de ir visitar sua filha casada, que morava nos Estados Unidos. Não lhe deram visto no passaporte. Era a época do macartismo, quando se fazia naquele país uma verdadeira “caça às bruxas”, na perseguição de intelectuais esquerdistas. A recusa do governo norte-americano originou movimentos de protesto da intelectualidade brasileira e José Lins declarou que nunca mais visitaria aquele país, promessa que veio a cumprir.

DUAS PAIXÕES: LITERATURA E FUTEBOL

No Rio de Janeiro, José Lins adquiriu uma nova paixão: o futebol. Foi da diretoria do Flamengo e chegou a chefiar a delegação brasileira de futebol ao Campeonato Sul-Americano, em 1953. Foi também à Europa. Publicara antes sua obra-prima *Fogo morto* (1943). Com *Eurídice* (1947) recebe o Prêmio Fábio Prado. Continua a publicar durante suas atividades futebolísticas, com destaque para seu décimo segundo romance: *Cangaceiros* (1953). A essa altura sua obra corre o mundo, com traduções para o espanhol, o francês, o inglês, o alemão e o russo.

Em 1955, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Ataulfo de Paiva. No seu discurso de posse, pintou um retrato

sarcástico de seu antecessor. “Ataulfo de Paiva chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz sábio e à Academia sem nunca ter gostado de um poema.”

Resultado: depois de sua atitude, foi instituída a censura prévia nos discursos de posse na Academia.

RETRATO FINAL: UM BRASILEIRO DE CORPO INTEIRO

José Lins é “brasileiríssimo”, como afirma Otto Maria Carpeaux, no prefácio de *Fogo morto*, mas

“é um homem estranho. Entra na Livraria José Olympio sem saudar a ninguém, roupa elegante, atitude desleixada, bem nutrido, com olhos muito móveis atrás dos óculos, uns grandes sinais no rosto, voz alta, barulhenta. Traz uns livros — ‘Impressionaram-me muito!’

— que não vai ler, recebe os recados que a moça da caixa tem sempre para ele, vai ao telefone: coisas de futebol, a literatura não interessa. Fala com os amigos, com Graciliano Ramos, Octávio Tarquínio, Aurélio Buarque de Holanda, João Condé Filho, uns outros” — Otto Maria Carpeaux está entre eles —, “fala sem ouvir as respostas, conta histórias as mais engraçadas, de humor rabelaisiano, ri-se gostosamente, com barulho, é todo menino, eterno menino de engenho. A literatura não importa. Diz sobre todos a quem admira o que poderia dizer de si próprio: ‘Ele é mais um homem da terra do que dos livros.’ É homem da comida boa e farta, das meninas bonitas, do futebol e do povo. E, de repente, sente dores em todas as partes do corpo: no estômago, no fígado, no coração. Fica sentado, calado, cabisbaixo. Não fala nem ouve falar. Os óculos escondem uma profunda tristeza. Levanta-se, sai, sem saudar a ninguém.

É ele mesmo.”

Faleceu em 12 de setembro de 1957, no Hospital dos Servidores do Estado (Rio de Janeiro), vítima de hepatopatia. José Lins, como milhões de brasileiros, contraíra a esquistossomose ainda criança, quando se banhava nas águas infestadas de caramujos dos rios do Nordeste. Um ano antes publicara *Meus verdes anos*, livro de memórias.

Cronologia biográfica

OBRAS

Romance

1932 *Menino de engenho*. Ed. do Autor, distribuído por Adersen, editor, Rio de Janeiro; 2ª ed., 1934; e demais, Rio de Janeiro: José Olympio.

1933 *Doidinho*. Rio de Janeiro: Ariel; 2ª ed., 1935; e demais, Rio de Janeiro: José Olympio.

1934 *Banguê*.*

1935 *O moleque Ricardo*.

1936 *Usina*.

1937 *Pureza*.

1938 *Pedra Bonita*.

1939 *Riacho Doce*.

1941 *Água-mãe*.

1943 *Fogo morto*.

1947 *Eurídice*.

1953 *Cangaceiros*.

1980 *Romances reunidos e ilustrados* (5 vols.). Com 290 ilustrações de Luís Jardim. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1980.

Crônica

1942 *Gordos e magros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.

1945 *Poesia e vida*. Rio de Janeiro, Universal.

1952 *Homens, seres e coisas*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.

1954 *A casa e o homem*. Rio de Janeiro: Organização Simões.

1957 *Presença do Nordeste na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.

1958 *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.

1981 *Dias idos e vividos (antologia)*. Seleção, organização e estudos críticos de Ivan Junqueira.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

2002 *Flamengo é puro amor* (111 crônicas escolhidas). Seleção, introdução e notas de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio.

2004 *O cravo de Mozart é eterno* (crônicas e ensaios). Seleção, organização e apresentação de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: José Olympio.

2007 *Ligeiros traços: escritos da juventude* (crônicas). Seleção, introdução e notas de César Braga-Pinto. Rio de Janeiro: José Olympio.

Memórias

1956 *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Literatura infantil

1936 *Histórias da Velha Totônia*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Conferência

1943 *Pedro Américo*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.

1946 *Conferências no Prata (Tendências do romance brasileiro, Raul Pompeia, Machado de Assis)*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.

1957 *Discurso de posse e recepção na Academia Brasileira de Letras: José Lins do Rego e Austregésilo de Athayde*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Viagem

1951 *Bota de sete léguas*. Rio de Janeiro: A Noite.

1955 *Roteiro de Israel*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel.

1957 *Gregos e troianos*. Rio de Janeiro: Bloch.

Tradução

1940 *A vida de Eleonora Duse*, de E. A. Reinhardt. Rio de Janeiro: José Olympio.

Em colaboração

1942 *Brandão entre o mar e o amor* (romance, 2ª parte). São Paulo: Martins.

1980 *O melhor da crônica brasileira — I* (com Rachel de Queiroz, Armando Nogueira, Sérgio Porto). Rio de Janeiro: José Olympio.

2007 *O melhor da crônica brasileira* (com Rachel de Queiroz, Ferreira Gullar e Luis Fernando Verissimo). Rio de Janeiro: José Olympio.

No estrangeiro

Alemanha: *Rhapsodie in rot* (*Cangaceiros*), trad. de Waldemar Sontag, Bonn: H. M. Hieronimi ed., 1958; *Santa Rosa* (trad. de *Menino de engenho*, *Banguê* e *O moleque Ricardo*), Hamburgo, 1953.

Argentina: *Niño del ingenio*, 1946; *Banguê*, 1946; *Piedra Bonita*, 1947; *Fogo morto*, 1947 (editados em Buenos Aires).

Coreia: *Menino de engenho*, trad. de Sung-duck Lee. Seul: Pyoung-min Sa., 1972.

Espanha: *Cangaceiros*, trad. de André Fernandes Romera e Manuel José Arce y Valadares, Barcelona: Luís de Caralt, editor, 1957.

EUA: *Plantation boy* (*Menino de engenho*, *Doidinho* e *Banguê*), trad. de Emmi Baum, Nova York: Alfred A. Knopf, 1966.

França: *L'enfant de la plantation* (*Menino de engenho*), trad. de W. Reims, Paris: Deux Rivers, 1953; *Cangaceiros*, trad. de Denyse Chast, Paris: Plon, 1956.

Inglaterra: *Pureza*. Londres, 1950.

Itália: *Fuoco spento* (*Fogo morto*), trad. de Luciana Stegagno Picchio. Roma-Milão: Fratelli Bocca Editori, 1956; *Il treno di Recife* (*Menino de engenho*, *O moleque Ricardo*), trad. de Antonio Tabucchi, Milão: Longanesi ed., 1974.

Portugal: *Pureza*, *Cangaceiros*, *Banguê*, *Menino de engenho*, *Doidinho* (num só vol.); *Riacho Doce*; *Eurídice*; *Fogo morto*; *Pedra Bonita*; *O moleque Ricardo*, *Água-mãe*; *Usina*. Lisboa: Livros do Brasil [s. d.].

URSS: *O moleque Ricardo*. Moscou: Editora do Estado, 1938; *Cangaceiros*. Moscou: Editora do Livro Estrangeiro, 1960.

Filmografia

Menino de engenho (1965). Produção: Glauber Rocha e Walter Lima Júnior. Direção: Walter Lima Júnior. Música: Villa-Lobos e Alberto Nepomuceno. Cenografia: Reinaldo Barros. Artistas principais: Anecy Rocha, Geraldo Del Rey, Rodolfo Arena e Sávio (no papel do menino Carlinhos). (Longa-metragem.)

José Lins do Rego (1969). Prêmio do Instituto Nacional do Cinema como a melhor direção de curta-metragem em 1969. Produção: Elizabeth Lins do Rego. Roteiro e direção: Valério Andrade.

Fotografia: Mário Carneiro.

José Lins do Rego (1975). Produção: José Olympio Editora. Direção: Walter Lima Júnior. Textos: Ivan Cavalcanti Proença. (Curta-metragem.)

Fogo morto (1976). Produção: Miguel Borges. Direção: Marcos Faria. Roteiro: Marcos Faria e Salim Miguel. Nos principais papéis: Ângela Leal, Rafael de Oliveira, Othon Bastos e Jofre Soares.

O engenho de Zé Lins (2006). Produção: Eduardo Albergaria e Leo Edde. Roteiro e direção: Vladimir Carvalho. Fotografia: Walter Carvalho. Música: Leo Gandelman. Principais depoimentos: Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz, Carlos Heitor Cony, Walter Lima Jr.

Alguns livros e estudos em livro sobre José Lins do Rego

Andrade, Mário de. “Dois estudos”, em *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins [s. d.].

Athayde, Tristão de. “José Lins do Rego”, em *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

Barreto, Plínio. “Fogo morto”, em *Interpretações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

Barros, Jaime de. “O drama econômico do romance”, em *Espelho dos livros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Cândido, Antônio. “Um romancista da decadência”, em *Brigada Ligeira*. São Paulo: Martins [s. d.].

Castello, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

Cavalcanti, Valdemar. “Notas sobre *Água-mãe* e José Lins cronista”,

em *Jornal Literário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

Costa, Dante. “Cangaceiros”, em *Os olhos nas mãos* (Literatura Brasileira Contemporânea). Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

Coutinho, Edilberto. *O romance do açúcar — José Lins do Rego: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.

Freyre, Gilberto. “Recordando J. L. do R.”, em *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

Grieco, Agripino. “*Doidinho e Banguê*”, em *Gente nova no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

J. Guilherme de Aragão. “Espaço e tempo em J. L. do Rego”, em *Fronteiras da criação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Lins, Álvaro. Estudos em *Jornal de Crítica*, 2ª, 3ª, 4ª e 6ª séries. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, 1944, 1946, 1951. Integram hoje *Os mortos de sobrecasaca* (ensaios e estudos, 1940-1960). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

Martins, Eduardo. *José Lins do Rego: o homem e a obra*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1980.

Martins, Wilson. “Fogo morto”, em *Interpretações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

Monteiro, Adolfo Casais. “Quatro estudos”, em *O romance* (teoria e crítica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

Montenegro, Olívio. ‘José Lins do Rego’ (ensaio), em “O romance brasileiro”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

Peregrino Júnior. “Língua e estilo em José Lins do Rego”, em *Revista do Livro*, nº 35, INL, 1968.

Proença, M. Cavalcanti. “Ensaio sobre *O moleque Ricardo*”, em *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed., 1974 (incluído, como introdução, em *O moleque Ricardo*).

Sobreira, Ivan Bichara. *O romance de José Lins do Rego*. João Pessoa: A União, 1971; 2ª ed., 1979.

Nota

* A partir de *Banguê* todas as primeiras edições e seguintes foram

publicadas pela editora José

Olympio.

Características do autor

“UM MOTOR QUE SÓ FUNCIONAVA BEM QUEIMANDO

BAGAÇO DE CANA”

A Semana de Arte Moderna (1922) redefiniu os caminhos da literatura brasileira. Seu influxo ideológico fez-se sentir nos principais centros culturais do país. Gerou polêmicas não apenas com as tendências literárias conservadoras, mas com os grupos que também buscavam as raízes especificamente brasileiras para nossas produções literárias. Entre eles está o Movimento Regionalista do Nordeste, liderado por Gilberto Freyre, e com participação ativa de José Lins do Rego.

Os modernistas procuravam uma nova linguagem literária brasileira, contra o academicismo. Oswald de Andrade e Mário de Andrade pesquisavam essa linguagem nos registros sociolinguísticos da oralidade do homem brasileiro. É nessa perspectiva que publicaram, respectivamente, *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Macunaíma* (1928). E, no Nordeste, José Américo de Almeida publicou *A bagaceira* (1928).

REGIONALISMO E PRIMITIVISMO MODERNISTA

Na ocasião da Semana, José Lins era estudante de Direito em Recife. Ao terminar a faculdade, engajou-se no Movimento Regionalista e criticou em contraditória atitude polêmica o “francesismo” dos escritores paulistas.

Depois, modificou sua posição: ele próprio estava, na verdade, estreitamente ligado à ideia de renovação literária do Modernismo. Seu primeiro livro (*Menino de engenho*), publicado apenas em 1932, é concretização estética da linguagem popular, uma linguagem primitivista e autenticamente brasileira.

“A força desse novo romancista”, diz Tristão de Athayde, “filho do sertão paraibano e impregnado de espírito nordestino, era refletir no seu mural um problema social tipicamente nosso, a agonia de uma casta, o fim do patriarcado rural, o desmoronamento de um mundo.

Assim como Balzac estudara, nos seus romances, a formação da grande burguesia em França no início do século XIX e Proust a

decadência da nobreza e dessa grande burguesia, no fim do século — o nosso sertanejo do Pilar, filho desse patriarcado rústico, vinha refletir nos painéis do seu grande mural a morte dos banguês, a agonia dos engenhos, o domínio crescente das usinas, em suma a desumanização da economia, pela mecanização da lavoura e com isso a ruína do patriarcado e a dispersão de um povo, descendente dos escravos de outrora, e ainda não fixado no trabalho livre.” (“Zé Lins”, em *Menino de engenho*.) **OS CICLOS EM TORNO DO ENGENHO**

A obra romanesca de José Lins fixa a decadência da sociedade patriarcal, onde o herói, solitário, vê-se dividido entre o passa do decadente e um futuro que não se afirma. Didaticamente, segundo José Aderaldo Castello (*José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*), ela pode ser dividida, do ponto de vista temático, como qualquer classificação que se preze, em três tópicos básicos. Esquematzaremos essa divisão, a seguir, adicionando-lhe algumas observações.

1º) Ciclo da cana-de-açúcar, com *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo morto*. As três primeiras narrativas estão centradas na personagem Carlos de Melo e apresentam grande unidade. Já *O moleque Ricardo* e *Usina* são expansão desse núcleo inicial. *O moleque Ricardo* o pode ser considerado um romance de realismo social, afastando-se de coordenadas naturalistas das narrativas anteriores.

Fogo morto, a obra-prima do escritor, é um romance-síntese não apenas do ciclo da cana-de-açúcar, mas da própria temática da decadência que percorre os romances de José Lins do Rego.

2º) Ciclo do cangaço, misticismo e seca, com *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. A segunda narrativa é uma espécie de continuação da primeira. O significado sociológico dessas narrativas pode ser inferido nas páginas de *Fogo morto* ou nas seguintes observações de José Lins do Rego:

“A história do cangaço, no Nordeste brasileiro, está intimamente ligada à história social do patriarcalismo, à vida de uma região dominada pelo mandonismo do senhor de terras e de homens, como se fossem barões dos feudos” (*Presença do Nordeste na literatura*). Aproxima-se, José Lins, nessa temática, dos escritores do grupo nordestino.

3º) Obras independentes dos ciclos anteriores, como *O moleque Ricardo* e *Pureza*. O primeiro romance é citadino e focaliza as lutas proletárias de Recife. As evocações da persona gem-protagonista, quando

contrapõem a situação dos proletários do engenho à dos proletários da cidade, não são suficientes para enquadrá-lo no ciclo da cana-de-açúcar.

Entretanto, para o escritor, esta narrativa faz parte desse ciclo. *Pureza* apresenta um lirismo erótico que, segundo Peregrino Júnior (*José Lins do Rego*), aproxima essa narrativa de *Água-mãe*, *Riacho Doce* e *Eurídice*.

Entre as “tentativas de fuga” da paisagem nordestina estariam esses três últimos romances, com ambiência fora do Nordeste. Com *Meus verdes anos*, livro de memórias, retorna à paisagem nordestina.

EM TORNO DA “ENGENHARIA” DO ARTISTA

Os romances que singularizam José Lins do Rego — justamente de realização artística superior — são os que ele próprio classificou no ciclo da cana-de-açúcar. É ali, caracterizando a situação histórico-social de sua região, que conseguirá

“fundir, numa linguagem de forte e poética oralidade, as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.”

(Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*.) Essa tendência ao registro menos trabalhado esteticamente da oralidade tem sido apontada como prejudicial à construção dos romances. Estes perderiam na forma o que ganham em naturalidade. Não há espontaneidade em seu trabalho. A naturalidade de seu texto é feita de trabalho artístico, às vezes bastante cansativo:

“Cada artista tem o seu processo de trabalho, tem a sua engenharia (...) É muito fácil dizer-se: o Zé Lins escreve como médium. Ele se senta à mesa, o João Condé lhe fornece os papéis e a inspiração baixa como em sessão de espiritismo e as páginas se enchem automaticamente.

Tudo isso é muito fácil de dizer, mas não de fazer.

Eu é que sei quanto me custam as dores, as alegrias, os tormentos e os fracassos de meus personagens (...) Agora, a forma. É verdade que não tenho problema da forma, mas isto porque a minha forma é muito simples. Meu futebol é de primeira. Eu não uso a bola para com a bola

construir bailado. Eu a atiro ao primeiro golpe e se não chego a realizar uma jogada com perfeição, não comprometo, por outro lado, a

eficiência do meu time. Não cuido da forma porque a minha forma é a coisa mais natural deste mundo. Ordem direta, oração principal com o sujeito claro, pronomes colocados de ouvido e, sobretudo, adotando soluções que são soluções da língua do povo.” (Depoimento a Medeiros Lima, em *Políticas e Letras*, 1948.) José Lins separa a criação da “forma”. Forma, para ele, é estilo e segue aquele utilizado no jornalismo, como os prosadores neorrealistas. Considera

“difícil” a “criação”, isto é, a “forma do conteúdo”, mas na verdade os dois aspectos estão indissolúveis na sua escrita. Ele só escreve quando já encontrou uma adequação estrutural para a sua história e, por isso, a escrita parece fluir “espontaneamente”.

O ESCRITOR E OS “ANSEIOS DA COLETIVIDADE”

Com essa “espontaneidade” construída, José Lins procurou aproximar-se de um público mais abrangente. Sempre defendeu que o escritor não pode viver afastado do povo, deve participar de sua vida e caminhar com ele, inclusive politicamente, como força e expressão da época em que vive e atua:

“O verdadeiro escritor será sempre o produto de forças subterrâneas que constituem por assim dizer o alimento da criação. Pergunto: como poderá viver um escritor, ou exprimir-se literariamente, se ele não for uma consciência de seu tempo? (...) E o escritor, para que possa dar o seu testemunho, tem que trazer no sangue os anseios da coletividade em que vive. Não posso compreender um escritor que não seja um elo dessa coletividade. (Depoimento a Francisco de Assis Barbosa, *Última Hora*, 1952.) **AUTOBIOGRAFIA E FICÇÃO**

Os aspectos autobiográficos da obra de José Lins do Rego têm sido enfatizados pela crítica. Sua força artística estaria na “sinceridade” dessa transposição de fatos históricos para ficcionais. Teria, para outros, mais

“memória” do que “invenção”.

Uma observação, entretanto, deve ser feita: a transposição de um fato real para o plano artístico não ocorre sem deformação. Quanto mais artística for a autobiografia, mais ela se afastará da factualidade do depoimento. É

uma questão de grau na distorção da realidade, como também ocorre entre o jornalismo e a literatura. As fronteiras são ambíguas e dependem da óptica do crítico.

Em José Lins do Rego, a “memória” torna-se artística porque bem construída e o texto literário torna-se representativo de seu momento histórico também porque foi bem elaborado. Menos pela “sinceridade” do escritor e mais pela coerência de seu trabalho literário.

Essa linguagem não estava propriamente no escritor. Ele as vivenciou e fixou na memória através da fala popular anônima ou não dos cantadores nordestinos. Ali, nas histórias da velha Totônia, nos “casos” familiares contados pelas criadas, estava o princípio. Bastaria, depois, estender esses procedimentos pela incorporação de esquemas narrativos mais elaborados, que encontrou na tradição cultural considerada “cultura”.

Não poderia afastar-se de suas raízes, estava impregnado dos esquemas ideológicos dessa tradição popular. Poderia problematizá-los, buscar novos

“arranjos” criativos para essa tradição. É o que vai ocorrer independentemente de sua consciência: pretendia fazer a biografia do avô em *Menino de engenho* e escreve uma narrativa ficcional. Encontra-se com o resultado e prossegue: *Fogo morto* é o ponto culminante desse trabalho artístico, onde “invenção” e “observação/memória” da realidade disputam-se dialeticamente.

Escritor popular, teve de ser mal-educado. Seu lirismo foi mal-comportado. Como o capitão Vitorino (*Fogo morto*), que ascende dentro de um mundo decadente, sua escrita afirmou-se nesse romance apontando para a antítese do progresso: o desenvolvimento material (a usina) em vez de trazer maior riqueza mergulhava o campo numa situação de pobreza ainda maior.

Tentou ir mais além, mais pela “invenção” do que pela

“observação/memória”. Não deu certo. Como assinalou Manuel Bandeira, José Lins “era um motor que só funcionava bem queimando bagaço de cana”. Voltou aos *Meus verdes anos*, livro de memórias. Mais do que isso: reativou o “fogo vivo” de sua escrita, dentro das tensões dialéticas que estabeleceram seu estatuto artístico.

Uma escrita para resistir, como resistem suas principais personagens à adversidade social. Uma escrita que comunicou em uma época onde teria sido mais conveniente calar-se.

Panorama da época

ENTRE O QUEPE E A CARTOLA

A Velha República, que se iniciou com o marechal Deodoro da Fonseca, foi dominada pelos barões do café. É a *belle époque* da oligarquia brasileira sulista. No Nordeste, onde José Lins do Rego nasceu em 1901, temos a decadência da oligarquia dos senhores de engenho. Não se adaptaram aos novos tempos da mecanização e da industrialização.

CASA-GRANDE E PATRIARCALISMO

A família patriarcal era a célula básica de organização dessa sociedade. Na casa-grande das fazendas mais poderosas traçavam-se as diretrizes econômicas e sociais do município, do estado e, mesmo, do país. O

patriarca era o chefe desse clã. Distanciava-se de todos, inclusive dos filhos, confiados às amas de leite. Em torno da casa-grande gravitavam os agregados, egressos do regime escravista. Com a industrialização, esse mundo entrou em crise. O patriarca ou se tornava industrial, comerciante ou banqueiro, levando sua família para a capital, ou perderia gradativamente seu patrimônio. No Nordeste, é também o momento da concentração econômica do capital. Senhores de engenho procuram adequar-se aos novos tempos. Participam da vida política e transformam-se em usineiros. Outros, a maioria deles, tiveram que conformar-se a uma lenta decadência, não resistindo à concorrência dessas usinas.

Os filhos dessa elite, futuros dirigentes políticos, deveriam ser bacharéis em Direito. Era o papel a eles destinado. José Lins deslocou-se do engenho para estudar na capital da Paraíba. Segue, depois, para Recife. Em 1919, matricula-se na Faculdade de Direito. A oligarquia deveria frequentar

as melhores escolas de sua região, do país ou do exterior, conforme as posses das famílias. No Sul, mais industrializado, essa intelectualidade não se conformava dentro dos limites patriarcais. Procurava escandalizar, buscando o “moderno” que vinha da Europa onde ia estudar. As saias encurtavam-se “à melindrosa” e imitavam-se os hábitos do cinema, revelando decotes “fatais”.

MODERNISMO E RENOVAÇÃO

A ânsia por mudanças não ficou restrita apenas à moda. Em 1922, artistas e intelectuais paulistas organizaram a Semana de Arte Moderna, que iria desencadear um vigoroso movimento renovador nas artes, cujos efeitos projetam-se até nossos dias. Buscavam uma nova

“linguagem” artística brasileira. Na literatura, a partir da publicação de *Menino de engenho* (1932), José Lins seria um dos escritores que conseguiriam concretizar essa perspectiva nacionalista do Modernismo.

A ruptura não ficaria restrita a esses campos artísticos. A insatisfação da classe média era grande e vai canalizar o seu inconformismo através do Tenentismo. Explodem rebeliões militares em várias partes do país, durante a década de 1920. Em 1924, iniciou-se a Coluna Prestes, que percorreu 24

mil quilômetros do território brasileiro lutando contra o governo oligárquico.

CARNAVAL? FUTEBOL? NÃO, GREVE

Para a classe média, como para as classes populares das cidades, não bastava o nivelamento social do carnaval, onde podiam cantar e dançar o seu samba ao lado de setores sociais privilegiados. Não era suficiente também a democratização do futebol, que deixava de ser o “nobre esporte bretão”. Exigiam mais: melhores condições de vida. A classe média com levantes militares e a classe operária com as greves.

A Confederação Operária Brasileira, fundada em 1908, já possuía, em 1917, centenas de milhares de membros nas principais cidades industrializadas do país. Dividiam-se os líderes operários entre anarquistas

e “maximalistas” (bolchevistas). O apogeu dessa luta por melhores salários ocorreu entre os anos de 1917 e 1920. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista do Brasil.

CORONÉIS, CANGACEIROS E BEATOS

Em Recife, havia um incipiente desenvolvimento industrial. Sua atmosfera cosmopolita atraía a elite senhorial do Nordeste. Em oposição, os “primos pobres” desses antigos senhores de engenho permaneciam no interior. E a disputa pela terra entre esses últimos foi muito violenta. Como a economia decrescia em produtividade, procuravam aumentar os seus rendimentos ampliando os limites de seus latifúndios. Eram os “coronéis”. Permaneciam com esses títulos militares, apesar da extinção da Guarda Nacional que os criara. Sua figura e de seus capangas perdiam autoridade, entretanto, à medida que a propriedade se internava pelo sertão. Lá dominavam as figuras dos beatos e dos cangaceiros.

Os cangaceiros institucionalizaram-se como instrumento de poder dessa oligarquia rural. No final do século XIX, os bandos já se tornavam mais independentes. Antônio Silvino, que se transformaria em personagem de José Lins, inaugurava, no início do século XX, uma luta desses setores marginais contra o governo e tinha apoio popular. Embora fosse esmiuçado como defensor dos pobres e oprimidos, Antônio Silvino, como outros cangaceiros, valeu-se, na verdade, de pactos com os senhores de engenho: protegia os amigos e atacava os inimigos.

UFANISMO OFICIAL E RESISTÊNCIA POPULAR

O Brasil continua a ser um país da monocultura, agora do café. Com o *crack* da Bolsa de Nova York, em 1929, o país entra em crise. Um ano depois, em outubro, os tenentes, ligados à oligarquia dissidente, derrubam a República Velha. Ascende à chefia do país o candidato derrotado nas eleições de março de 1930. São nomeados interventores em todos os estados. Em São Paulo há reação e, em 1932, eclode a Revolução Constitucionalista contra a ditadura, mas é derrotada.

Esta é a época do rádio e dos meios de comunicação de massa. A cultura democratiza-se em certo sentido; em outro, massifica-se, transformando-se em veículo de divulgação do ufanismo da política oficial.

Há entretanto toda uma arte de resistência contra o ufanismo oficial.

Suas raízes já estavam estabelecidas na literatura de um Lima Barreto, que em 1915 publica *Triste fim de Policarpo Quaresma*, uma crítica ao autoritarismo militar e às elites brasileiras. E também de um Oswald de Andrade (*Memórias sentimentais de João Miramar*, 1924) ou de Mário de Andrade (*Macunaíma*, 1928).

A cultura popular resiste contra o ufanismo de um Ari Barroso. Noel Rosa faz samba social e refugia-se nos botecos do Rio de Janeiro. Surge o romance de ênfase social. No Nordeste, após o pioneirismo de *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, aparecem José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Amando Fontes. No Rio Grande do Sul, destacam-se Érico Veríssimo e Dionélio Machado.

Em 1933, Gilberto Freyre, amigo de José Lins do Rego, publica *Casa-grande e senzala*. Coloca-se contra o racismo de intelectuais ligados à oficialidade. Valoriza o papel dos negros e mestiços em relação à nossa formação histórico-cultural. O livro de Gilberto Freyre teve um

impacto libertador, mas idealizou o tratamento que os escravos receberam dos portugueses. Em oposição à defesa da colonização portuguesa, coloca-se Sérgio Buarque de Hollanda, com *Raízes do Brasil* (1936), para quem o desenvolvimento depende da superação de certas características dessa colonização, em especial do autoritarismo, da exploração econômica nômade e de seu caráter predatório. Caio Prado Júnior vai além, com *Evolução política do Brasil* (1933) e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), destacando o papel dos trabalhadores na construção da história da sociedade brasileira.

A DITADURA SOB PRESSÃO POPULAR

À sombra do autoritarismo de Getúlio Vargas cresce o integralismo, tendência conservadora afim do fascismo. Como resposta, surge em 1935 a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente de liberais, sindicalistas, comunistas, tenentistas, socialistas, que pretendia uma profunda revolução

social. A ANL tenta o golpe militar mas é derrotada. Getúlio decreta em seguida o estado de sítio e o Estado Novo, a institucionalização da ditadura, em 1937.

É a época de uma elite milionária que se concentra no Rio de Janeiro, namorando os quadros burocráticos do poder. Para o lazer dessas minorias o modelo é Hollywood: *shows* de vedetes ostentando grande luxo e exibindo um tropicalismo de exportação. Forma-se uma companhia cinematográfica, a Atlântida, especializada nesses musicais. Afirma-se, por outro lado, a resistência política e cultural. A maior parte da intelectualidade do país não aceita o regime. Sob pressão popular, o caudilho populista cria o Conselho Nacional do Petróleo (1938) e a Companhia Siderúrgica Nacional (1939).

O Brasil desenvolve-se econômica e culturalmente. O DIP

(Departamento de Imprensa e Propaganda), o poderoso órgão de censura do Estado Novo, não consegue amortecer a resistência popular antifascista. O

rádio e o jornalismo atingem notável desenvolvimento. A literatura vive uma fase de altíssimo nível. É de 1943 a publicação de *Fogo morto*, de José Lins do Rego.

O movimento nacionalista de resistência ao fascismo vai pressionar Getúlio Vargas a declarar guerra às potências do Eixo Alemanha-Itália-Japão, após o torpedeamento de navios brasileiros pelos alemães. A atitude de Getúlio é paradoxal: anteriormente vinha se mostrando

simpatizante do Eixo. Entretanto, o país estava ligado ao bloco dos Aliados por fortes razões econômicas e a guerra já se inclinava a favor das democracias.

VENTOS DEMOCRÁTICOS E AUTORITÁRIOS

Em outubro de 1945, após o término da guerra, Getúlio é deposto pelo Exército que o prestigiara. Respira-se democracia e uma nova Constituição estabelece novo pacto social da sociedade brasileira. Ela é aprovada por uma Assembleia Constituinte eleita livremente. Depois, há eleições diretas e secretas. Escolhe-se um novo presidente: o general Eurico Gaspar Dutra, apoiado por Getúlio Vargas, a quem ajudara a derrubar. Nessas eleições, o Partido Comunista apresenta candidatos em todos os níveis, inclusive para presidente da República: Yeddo Fiúza.

A euforia democrática dura pouco. Os ventos da Guerra Fria entre os EUA e a URSS atingem o país. O Partido Comunista é colocado na

ilegalidade e recomeçam as perseguições políticas. Perseguem-se os intelectuais, em especial nos meios de comunicação de massa. É o macarthismo, da figura sinistra do senador norte-americano Joseph McCarthy, que promovia uma verdadeira “caça às bruxas” aos intelectuais e artistas identificados com as causas populares. Seus efeitos vão se projetar pelos anos 1950. Em 1952, José Lins do Rego é proibido de entrar nos EUA para visitar sua filha, casada com um diplomata brasileiro. José Lins pertencia ao Partido Socialista.

Nas eleições presidenciais de 1950, Getúlio Vargas volta ao poder, agora com uma política mais nacionalista e popular. Acentua-se o movimento nacionalista e popular em torno do lema “O petróleo é nosso”.

Greves gerais operárias paralisam os principais centros industriais. Getúlio Vargas e sua política sindicalista são responsabilizados pela classe dominante. Sem apoio no Exército e em meio a uma conspiração militar, o caudilho suicida-se, em 1954. A sua morte e a instabilidade do poder civil geram uma crise cujo final feliz é a eleição de Juscelino Kubitschek para a presidência, em 1955.

JUSCELINO E A CARTOLA DAS ILUSÕES

Com Juscelino, com sua cartola de onde saem contínuas ilusões, e o seu sorriso empreendedor, implanta-se uma política desenvolvimentista.

Implanta-se a indústria automobilística, impulsionam-se a refinação do petróleo e indústrias de base. Por outro lado, abre-se o país ao capital internacional. Instala-se a nova capital em Brasília, cidade-síntese da esperança e da modernização do país.

As imagens otimistas do futuro são mostradas pela televisão. A Bossa Nova, com João Gilberto, e os primeiros passos do Cinema Novo também apontam para o futuro. Nasce o Teatro de Arena e o Grupo Oficina, em São Paulo. A problemática é, entretanto, mais complexa. A maior parte do país está deslocada dos benefícios dessa política. E a tensão social vai intensificar-se na década de 1960, quando se procuraria estender as transformações para os setores sociais populares, da cidade e do campo. O

processo seria truncado pelo golpe militar de 1964.

CRONOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

1908 Nasce a Confederação Operária Brasileira.

1911 Publica-se, em folhetim, o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

1912 Começa a Guerra Santa do Contestado, com duração de cinco anos e 20.000 mortos.

1915 Manifestações operárias em São Paulo e Rio de Janeiro contra o início da Primeira Guerra Mundial.

1917 Greves paralisam São Paulo. Exposição de Anita Malfatti.

1922 Realiza-se a Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Funda-se o Partido Comunista do Brasil.

1924 Revolução tenentista em São Paulo. No Rio Grande do Sul, o capitão Luís Carlos Prestes inicia a marcha da Coluna Prestes.

1927 Congresso Regionalista no Recife.

1928 Publicam-se *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.

1930 Revolução de outubro: Getúlio Vargas põe fim à Primeira República.

1932 Revolução Constitucionalista de São Paulo. Publicação de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego.

1933 Publicação de *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Jr., e *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade.

1935 Tentativa de golpe da frente antifascista Aliança Nacional Libertadora.

1937 Golpe de Vargas instala a ditadura do Estado Novo.

1939 Início da Segunda Guerra Mundial. Criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), encarregado da censura dos meios de comunicação.

1942 O Brasil declara guerra à Alemanha e à Itália. Publica-se, no ano seguinte, *Fogo morto*, de José Lins do Rego.

1945 Fim da Segunda Guerra Mundial. Deposição de Getúlio Vargas e redemocratização do país.

1947 Guerra fria dos EUA chega ao Brasil. Recomeçam as perseguições políticas.

1950 Volta de Getúlio Vargas ao poder. Josué de Castro publica *Geopolítica da fome*.

1954 Suicídio de Vargas. Neste mesmo ano assinara decreto colocando restrições ao capital internacional.

1956 Posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.

A.

Histórias da velha Totônia

Página do autor na Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lins_do_Rego

Página do livro no Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/35541-historias-da-velha-totonia>

Biografia do autor

http://www.e-biografias.net/jose_lins_do_rego/

Matéria sobre o autor

<http://educacao.uol.com.br/biografias/jose-lins-do-rego.jhtm>

Mini documentário sobre o autor

<http://www.youtube.com/watch?v=Mh0snNXd9iI>

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Apresentação \(Laura Sandroni\)](#)

[Aos meninos do Brasil \(José Lins do Rego\)](#)

[HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA](#)

[O macaco mágico](#)

[A cobra que era uma princesa](#)

[O príncipe pequeno](#)

[O Sargento Verde](#)

[Dados biobibliográficos do autor](#)

[Cronologia biográfica](#)

[Características do autor](#)

[Panorama da época](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)

Document Outline

- [OdinRights](#)
- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Dedicatória](#)
- [Sumário](#)
- [Apresentação \(Laura Sandroni\)](#)
- [Aos meninos do Brasil \(José Lins do Rego\)](#)
- [HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA](#)
 - [O macaco mágico](#)
 - [A cobra que era uma princesa](#)
 - [O príncipe pequeno](#)
 - [O Sargento Verde](#)
- [Dados biobibliográficos do autor](#)
- [Cronologia biográfica](#)
- [Características do autor](#)
- [Panorama da época](#)
- [Colofão](#)
- [Saiba mais](#)